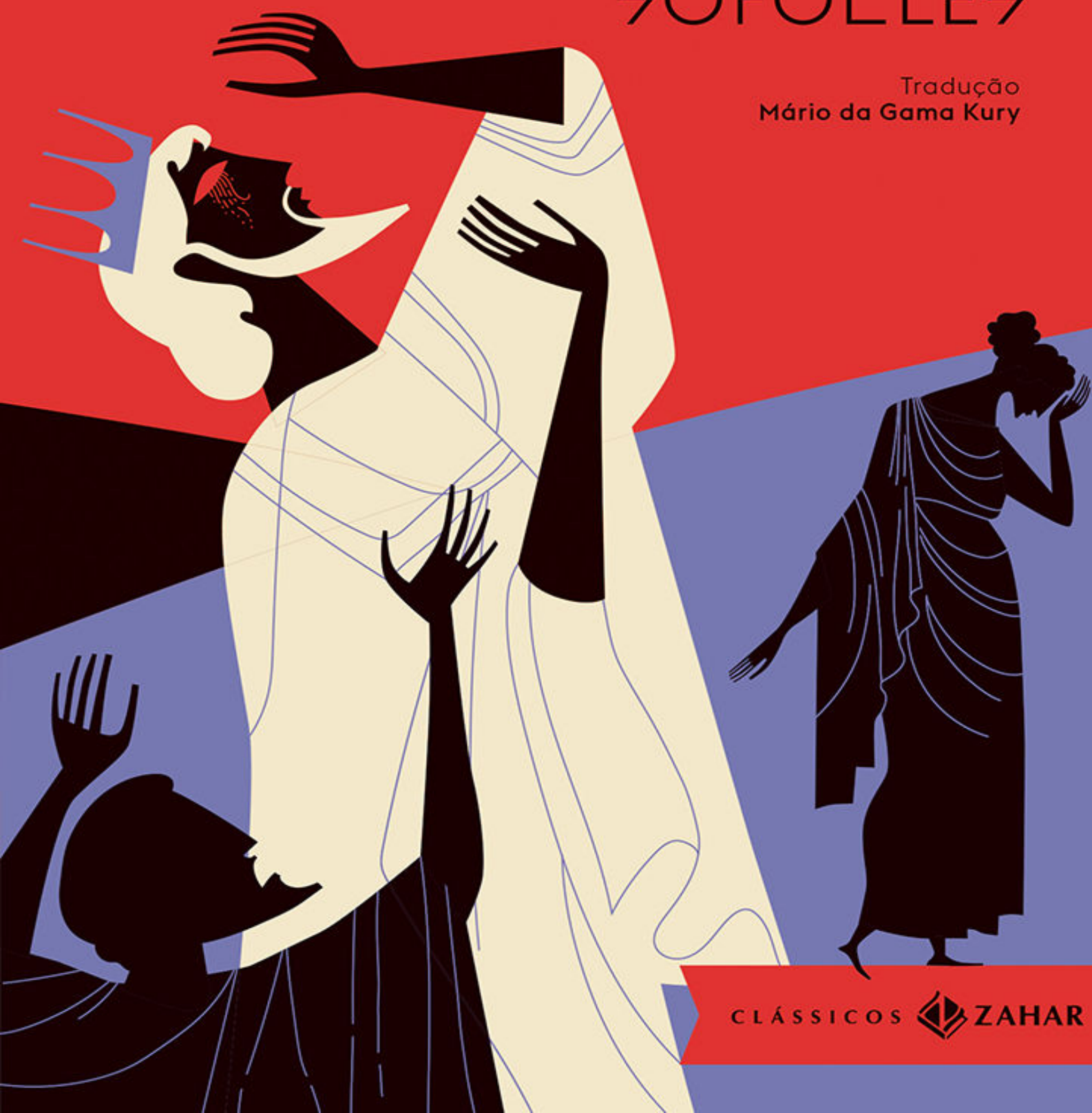


ÉDIPPO REI

SÓFOCLES

Tradução
Mário da Gama Kury



CLÁSSICOS  ZAHAR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SÓFOCLES

ÉDIPO REI

Tradução:
MÁRIO DA GAMA KURY

Apresentação:
ADRIANE DA SILVA DUARTE



SUMÁRIO

Introdução

ÉDIPO REI

Introdução

SÓFOCLES E O *ÉDIPO REI*

Dentre os poetas trágicos gregos, Sófocles foi o mais clássico, na concepção da crítica antiga que associava essa qualidade à maturidade artística. Assim, o precursor de um novo gênero poético, por exemplo, é ainda tido como primitivo e o último já anuncia sua decadência, mas aqueles que ocupam a posição intermediária detêm plenas condições de realizar seu potencial. O autor do *Édipo rei* é o segundo na tríade dos tragediógrafos gregos, tendo competido ao lado de Ésquilo e de Eurípides nos festivais dramáticos. Aristófanes, na comédia *As rãs*, faz com que Ésquilo confie a Sófocles o trono dos poetas trágicos no Hades, quando deixa o mundo dos mortos em companhia de Dioniso para regressar a Atenas. Também é o poeta mais citado na *Poética*, de Aristóteles, como exemplo de excelência na sua arte.

Essa mesma unanimidade que marca sua obra parece tê-lo acompanhado em vida. Ao contrário de outros poetas, alvos constantes da zombaria dos comediógrafos, Sófocles quase não figura nas comédias. Seu prestígio na cidade pode ser medido ainda pelo fato de, após sua morte, ter passado a receber culto heroico, sob o nome de Dexion. Considerando que os gregos julgavam que somente a morte permitia afirmar a felicidade de um homem – já que, como o mito de Édipo ilustra bem, estaríamos todos sujeitos a qualquer momento a sofrer um revés da sorte –, Sófocles foi um homem afortunado.

Foi também um homem do século V a.C., o qual atravessou de ponta a ponta. Nascido em 496 a.C. em Colono, distrito de Atenas que imortalizou

na tragédia *Édipo em Colono*, o poeta testemunhou as invasões persas e, em seguida, a Guerra do Peloponeso. Morto em 406 a.C., pouco após Eurípides, ele ainda teve a sorte de não ver os atenienses capitularem diante dos espartanos dois anos depois. Em noventa anos de vida, serviu à cidade em diversas oportunidades, tendo ocupado os cargos de *hellanotamias* (tesoureiro junto à Liga Délia), estrategista (um misto de chefe militar e chanceler) e próbulo (um conselheiro extraordinário nomeado em períodos de crise). Também participou ativamente da vida religiosa da cidade, sendo o responsável pela introdução em Atenas do culto de Asclépio, filho de Apolo agraciado com o dom da cura e cultuado em Epidauro.

Para nós, entretanto, a reputação de Sófocles não depende desses fatos, mas da sua obra para teatro. Nisto, também, ele foi bem-sucedido. Dentre as suas contribuições para o desenvolvimento da tragédia, Aristóteles ressalta a introdução do terceiro ator, o que permitiu acrescentar mais personagens à trama, e a invenção da cenografia. Sua estreia, em 468 a.C., trouxe igualmente a primeira vitória, fato que se repetiria várias vezes ao longo de sua carreira. Quando não ganhava, Sófocles ficava com o segundo prêmio – nunca foi classificado em terceiro, e último, lugar. Infelizmente, das cerca de 120 peças que compôs, chegaram-nos inteiras apenas sete: *Ájax*, *As traquínias*, *Antígona*, *Édipo rei*, *Electra*, *Filoctetes* e *Édipo em Colono*. Do drama satírico *Os sabujos*, restaram cerca de quatrocentos versos.

Como revelam os títulos acima, o mito dos labdácidas, os descendentes do rei tebano Lábdaco, é recorrente na obra sofocliana. Embora Sófocles não adotasse o formato sequencial da trilogia de Ésquilo, preferindo inscrever nos festivais dramáticos três tragédias sem vínculo temático, não é raro deparar-se com referências à sua “trilogia tebana”. É assim que tradutores e comentadores modernos nomearam e agruparam as três tragédias remanescentes em que ele trata do mito de Édipo e de seus descendentes: *Édipo rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*. Esse é um roteiro de leitura interessante, desde que se entenda que essa disposição visa apenas à unidade

de tema, reunindo peças compostas em momentos diversos da vida do tragediógrafo – entre *Antígona*, a mais antiga, e *Édipo em Colono*, encenada postumamente, o intervalo beira 35 anos.

Édipo rei é a tragédia emblemática do teatro grego e, em conjunto com *Romeu e Julieta* e *Hamlet*, de Shakespeare, constitui a peça de teatro mais conhecida da literatura ocidental. Sua reputação cresceu ainda mais depois que Freud tirou o herói do palco e o deitou no divã, nomeando a partir dele o complexo que descreve a atração que todo filho sente em algum momento por sua mãe. É preciso, no entanto, distinguir o Édipo freudiano do sofocliano. À ignorância, e não ao inconsciente, devem-se creditar as ações do herói, que consome o casamento com Jocasta, sua mãe, desconhecendo o vínculo de parentesco que os une. É isso justamente que torna a história de Édipo paradigmática, pois, em vista de seu conhecimento limitado e limitante, os homens estão condenados a tatear na escuridão.

Antes de passar à peça, é preciso chamar a atenção para a denominação que tradicionalmente recebeu. Conhecida como *Édipo rei*, em grego a tragédia intitula-se *Édipo tirano*. Isso se explica porque, com o tempo, tirano tornou-se um termo pejorativo, denotando o exercício ilegítimo e cruel do poder, de modo que associá-lo ao herói produziria prévia antipatia. Entre os gregos, no entanto, tirania designava, sobretudo, o poder não dinástico, sendo que, muitas vezes, o tirano era tido como benfeitor das classes menos favorecidas da população. Esse é o caso de Édipo, que ascende ao trono tebano por mérito e não por direito sucessório – muito embora a tragédia termine por revelar que aquele a quem consideravam tirano era na verdade rei, já que nascera de Laio e Jocasta, monarcas de Tebas. Deve-se notar ainda que, embora então um tirano não correspondesse ao estereótipo que dele hoje se faz, já se percebia que a instabilidade no poder natural em sua condição o tornava mais sujeito a atitudes autocráticas e violentas. Esses traços, bem como o de protetor do povo, estão bem marcados na caracterização do Édipo de Sófocles.

No início da peça, Édipo está instalado em Tebas como seu governante. É amado e respeitado pelo povo, representado pelos anciãos do coro, gratos a ele por ter livrado a cidade da Esfinge. A Esfinge, monstro alado com cabeça de mulher e corpo de leão, propunha o seguinte enigma aos que queriam sair ou entrar na cidade, devorando os que não o decifrassem: qual é o único ser que de manhã anda com quatro pés, à tarde, com dois e à noite, com três? Só Édipo soube que a resposta era o homem, que em bebê engatinha sobre os quatro membros, adulto anda sobre suas próprias pernas e, na velhice, apoia-se em um bastão, o terceiro pé. O monstro, vencido, atira-se num abismo e morre, mas, como bem notaram os grandes estudiosos do imaginário grego Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet, o enigma persiste incorporado à estrutura da peça.^a O herói, como prêmio por sua sagacidade, conquista o trono tebano e a mão da rainha Jocasta, então viúva. No entanto, após anos de calmaria, a cidade volta a ser confrontada com uma nova charada, posta desta vez sob a forma da peste, que dizima a população e rebanhos. Na cena inicial, o coro suplica a Édipo que mais uma vez salve a cidade.

Édipo caracteriza-se pela pronta ação. Assim, quando sua intervenção é solicitada, ele já havia tomado a iniciativa de enviar a Delfos Creonte, seu cunhado, em busca de um oráculo que esclarecesse as razões da peste. É preciso entender que os gregos associavam a irrupção de doenças ao descontentamento divino, e Delfos era a sede do maior santuário de Apolo, onde sua palavra profética se fazia ouvir por meio de uma sacerdotisa. Foi lá que, anos antes, Édipo ouviu aterrorizado que mataria o pai e desposaria a mãe, fato decisivo para afastá-lo de Corinto, cidade que então considerava sua terra natal, e colocá-lo no caminho de Tebas. Desta vez, o oráculo revela que a peste se devia à impunidade de um antigo crime: o assassinato de Laio, predecessor de Édipo no trono, jamais fora esclarecido, e nem seu assassino punido.

Imediatamente Édipo toma para si a investigação. O fato de ter desvendado sozinho o enigma da Esfinge lhe confere uma autoconfiança perigosa, que beira a arrogância. Isso fica claro na sua entrevista com Tirésias, o respeitado adivinho tebano. A entrada de Tirésias em cena é impactante, reavivando o antigo enigma das três idades do homem: o velho cego, apoiado em seu bastão, guiado por um menino, diante do maduro Édipo. A imagem de Tirésias também antecipa o que Édipo se tornará ao final da peça: um cego cheio de dolorosa sabedoria.

Convocado por sua clarividência a contribuir com a apuração dos fatos, Tirésias silencia. Édipo supõe que o adivinho cala ou por ser charlatão ou por ocultar os criminosos. Afrontado, Tirésias lhe diz o que tentava esconder: Édipo é o assassino procurado. A indignação faz com que o tirano perca o controle e acuse-o de estar a serviço de Creonte, interessado em tomar-lhe o poder. O profeta adverte Édipo que o responsável logo será descoberto: julgam-no estrangeiro, se mostrará tebano; enxerga, mas perderá a visão; de rico passará a miserável e partirá para o exílio; e, pior, vai se revelar pai e irmão de seus filhos, marido e filho de sua mãe e assassino de seu pai. Essa fala, situada no primeiro terço da peça, poderia dar a questão por encerrada, já que elucida a identidade do criminoso e todas as implicações de seu ato, mas, diante da certeza que Édipo tem de estar sendo vítima de uma intriga palaciana, ela é ignorada. Mesmo para o coro as acusações não fazem sentido, já que a essa altura da peça Édipo é considerado filho dos reis de Corinto. Instaura-se um conflito entre as dimensões religiosa e política da tragédia em que, num primeiro momento, a instância política, representada pelo soberano, leva a melhor.

Segue-se uma discussão acalorada com Creonte, em que Édipo o acusa diretamente, mesmo sem quaisquer indícios de sua culpa. Jocasta intervém e, ao saber que o motivo da briga são as palavras de Tirésias, tenta tranquilizar o herói. As profecias não são dignas de fé, diz ela. Conta, então, como Laio mandou abandonar à morte seu filho recém-nascido devido ao vaticínio de

que a criança, ao crescer, mataria o pai. A morte do bebê, contudo, não poupou a vida de Laio, que, anos mais tarde, foi abatido por bandidos numa encruzilhada de estrada. Sendo assim, a predição não se cumpriu, pois, segundo lhe parecia, o filho não sobrevivera para matar o pai.

Como é característico desta tragédia, a nova informação, que deveria proporcionar alívio, se mostra uma razão a mais de inquietação. Édipo lembra que, alguns anos antes, a caminho de Tebas, enfrentara e matara um velho num ponto em que a estrada se trifurca (uma nova alusão às três idades do homem constantes do enigma da Esfinge?). Teria Tirésias falado, ainda que parcialmente, a verdade? De acordo com o relato da única testemunha que escapou, Laio fora atacado por bandidos, no plural, e ele estava sozinho. Então, é preciso confrontar esse homem e eliminar a dúvida.

Enquanto isso, um mensageiro chega de Corinto para anunciar a morte de Pôlibo, o rei e suposto pai de Édipo. O herói vê nisso um sinal de esperança: o pai morreria e não fora ele o culpado, então o oráculo falhara. Mesmo assim, ele ainda teme o leito da mãe. O mensageiro o acalma, revelando-lhe que a rainha de Corinto não é sua mãe biológica: ele fora adotado. Para Édipo a questão central agora deixa de ser “quem matou Laio?” e passa à mais urgente “quem sou eu?”. Há um pastor tebano, diz o mensageiro, que sabe a resposta, pois fora ele quem, no início de tudo, entregara o menino abandonado, pendurado pelos pés, ao seu colega coríntio. Essas duas questões, que estão no cerne do romance moderno – quem fez?, quem sou? –, conferem à tragédia de Sófocles um interesse perene.

Jocasta decifra esse novo enigma, cuja solução também remete à charada da Esfinge, já que novamente os pés têm a resposta. Édipo, cujo nome significa “o de pés inchados”, porque fora amarrado pelos tornozelos quando abandonado nas montanhas, é o homem que embaralha a sequência das gerações ao se tornar pai e irmão dos seus filhos, filho e marido de sua mãe, simultaneamente. Para Jocasta é evidente que o homem com quem se

casara é o filho que tivera de Laio. Assim, ela tenta dissuadir o herói de prosseguir na investigação. Ele, no entanto, não a escuta, imaginando que no fundo a rainha receasse descobrir ter desposado não o filho de reis, mas o de escravos. Silenciosamente, então, ela entra no palácio para pôr fim à própria vida.

A verdade vem à tona para Édipo no confronto entre as duas testemunhas-chave, o Mensageiro de Corinto e o Pastor tebano, que também era quem acompanhava Laio no dia de sua morte. Como Tirésias, o Pastor se recusa a colaborar, mas é forçado a fazê-lo. Agora Édipo finalmente sabe quem é: o filho que não deveria ter nascido, o marido de quem não devia ter desposado e o assassino de quem não devia ter matado. Resta-lhe cegar os olhos – pois lhe é insuportável encarar o olhar dos demais –, cumprindo assim a profecia de Tirésias, e partir para um exílio a que ele mesmo havia condenado o assassino de Laio.

Bernard Knox, no seu magistral estudo da tragédia, destaca que *Édipo rei* não é uma peça fatalista, em que o destino se sobrepõe ao homem.^b O herói de Sófocles é senhor de suas ações, muitas vezes se indispondo com os demais para implementá-las e assumindo total responsabilidade por seus atos. As profecias não são mais do que o pretexto para o essencial: a descoberta da identidade de Édipo, processo que ele conduz inexoravelmente, enfrentando a oposição de várias personagens, que se recusam a colaborar com ele. Graças à sua iniciativa, a verdade é restabelecida.

Por singular que nos pareça, aos olhos do coro a situação de Édipo é, no entanto, paradigmática. Ninguém está livre de passar pelo que ele passou, pois o homem vive na ignorância. Na *Poética*, Aristóteles cita Édipo como exemplo de herói trágico, do homem que não é todo virtude, nem todo maldade, mas cujo infortúnio decorre de um erro involuntário (*hamartia*). O erro de Édipo não se caracteriza enquanto falta moral, antes é uma falha intelectual: a certeza de ter a chave de todos os mistérios o impede de

decifrar o mais elementar de todos, o enigma de sua existência. Sintomaticamente, no templo de Apolo em Delfos, de onde partiram os três oráculos que embasam a ação da peça, está inscrita a frase “Conhece-te a ti mesmo”.

A peça termina sem redenção possível. Ela só virá no *Édipo em Colono*, drama póstumo, em que Sófocles promove a purificação do herói em Atenas, onde será sepultado, trazendo os benefícios advindos de seu culto para a cidade que no teatro lamentou seus males.

ADRIANE DA SILVA DUARTE^c

^a Vernant, J.-P. e P. Vidal-Naquet. “Ambiguidade e reviravolta. Sobre a estrutura enigmática do Édipo rei”, in *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p.83-111.

^b Knox, B. *Édipo em Tebas*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

^c Adriane da Silva Duarte é professora de língua e literatura grega na USP, onde defendeu mestrado e doutorado sobre comédia grega. é autora, entre outros, das traduções das comédias *As aves*, *Lisístrata* e *As tesmoforiantes*, de Aristófanes, e dos livros *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes* e *Cenas de reconhecimento na poesia grega*, além do infantil *O nascimento de Zeus e outros mitos gregos*.

ÉDIPO REI

Época da ação: idade heroica da Grécia

Local: Tebas

Primeira representação: 430 a.C., em Atenas (data aproximada)

PERSONAGENS

ÉDIPO, rei de Tebas

JOCASTA, mulher de Édipo

CREONTE, irmão de Jocasta

TIRÉSIAS, velho adivinho

SACERDOTE

MENSAGEIRO de Corinto

PASTOR

CRIADO do palácio

CORIFEU

CORO de anciãos tebanos

FIGURANTES MUDOS

MENINO, guia de Tirésias

SUPPLICANTES

CRIADOS E CRIADAS

CENÁRIO

Praça fronteira ao palácio real em Tebas. Ao fundo, no horizonte, o monte Citéron.

Em frente a cada porta do palácio há um altar. Sobre os altares veem-se ramos de loureiro e de oliveira trazidos por numerosos tebanos, ajoelhados nos degraus dos altares como suplicantes.

No meio deles, em pé, vê-se um ancião, o SACERDOTE de Zeus. Abre-se a porta principal do palácio. Aparece ÉDIPO, com seu séquito, que se dirige aos suplicantes em tom paternal.

Queima-se incenso nos altares.

PRÓLOGO, Cena 1

ÉDIPO

Meus filhos, nova geração do antigo Cadmo,
por que permaneceis aí ajoelhados
portando os ramos rituais de suplicantes?

Ao mesmo tempo enche-se Tebas da fumaça
5 de incenso e enche-se também de hinos tristes
e de gemidos. Não reputo justo ouvir
de estranhas bocas, filhos meus, as ocorrências,
e aqui estou, eu mesmo, o renomado Édipo.

Dirigindo-se ao sacerdote de Zeus.

Vamos, ancião, explica-te! Por tua idade
10 convém que sejas porta-voz de todos eles.

Dirigindo-se a todos.

Por que essa atitude? Que receio tendes?
Que pretendeis? Apresso-me em assegurar-vos
que meu intuito é socorrer-vos plenamente;
se não me sensibilizassem vossas súplicas
15 eu estaria então imune a qualquer dor.

SACERDOTE

Édipo, rei de meu país, vês como estamos
aglomerados hoje em volta dos altares
fronteiros ao palácio teu; somos pessoas
de todas as idades; uns ainda frágeis
20 para maiores voos, envelhecidos outros
ao peso de anos incontáveis já vividos;
alguns são sacerdotes, como eu sou de Zeus;
aqueles são a fina flor da mocidade;
enfim contemplas todo o povo desta terra
25 presente em praça pública e trazendo ramos
trançados em coroas, gente rodeando
os templos gêmeos da divina Palas, onde
o deus Ismênio profetiza pelo fogo.
Tebas, de fato, como podes ver tu mesmo,
30 hoje se encontra totalmente transtornada
e nem consegue erguer do abismo ingente de ondas
sanguinolentas a desalentada frente;
ela se extingue nos germes antes fecundos
da terra, morre nos rebanhos antes múltiplos
35 e nos abortos das mulheres, tudo estéril.
A divindade portadora do flagelo
da febre flamejante ataca esta cidade;
é a pavorosa peste que dizima a gente

e a terra de Cadmo antigo, e o Hades lúgubre
40 transborda de nossos gemidos e soluços.
Não te igualamos certamente à divindade,
nem eu nem os teus filhos que cercamos hoje
teu lar, mas te julgamos o melhor dos homens
tanto nas fases de existência boa e plácida
45 como nos tempos de incomum dificuldade
em que somente os deuses podem socorrer-nos.
Outrora libertaste a terra do rei Cadmo
do bárbaro tributo que nos era imposto
pela cruel cantora, sem qualquer ajuda
50 e sem ensinamento algum de nossa parte;
auxiliado por um deus, como dizemos
e cremos todos, devolveste-nos a vida.
E agora, Édipo, senhor onipotente,
viemos todos implorar-te, suplicar-te:
55 busca, descobre, indica-nos a salvação,
seja por meio de mensagens de algum deus,
seja mediante a ajuda de um simples mortal,
pois vejo que os conselhos de homens mais vividos
são muitas vezes oportunos e eficazes.
60 Vamos, mortal melhor que todos, exortamos-te:
livra nossa cidade novamente! Vamos!
Preserva tua fama, pois vemos em ti

por teu zelo passado nosso redentor!
Jamais pensemos nós que sob o reino teu
65 fomos primeiro salvos e depois perdidos!
Não! Salva Tebas hoje para todo o sempre!
Com bons augúrios deste-nos, na vez primeira,
ventura até há pouco tempo desfrutada.
Mostra-te agora igual ao Édipo de outrora!
70 Se tens de ser o governante desta terra,
que é tua, é preferível ser senhor de homens
que de um deserto; nem as naus, nem baluartes
são coisa alguma se vazios, sem ninguém.

ÉDIPO

Ah! Filhos meus, merecedores de piedade!
75 Sei os motivos que vos fazem vir aqui;
vossos anseios não me são desconhecidos.
Sei bem que todos vós sofreis mas vos afirmo
que o sofrimento vosso não supera o meu.
Sofre cada um de vós somente a própria dor;
80 minha alma todavia chora ao mesmo tempo
pela cidade, por mim mesmo e por vós todos.
Não me fazeis portanto levantar agora
como se eu estivesse entregue ao suave sono.
Muito ao contrário, digo-vos que na verdade
85 já derramei sentidas, copiosas lágrimas.

Meu pensamento errou por rumos tortuosos.

Veio-me à mente apenas uma solução,

que logo pus em prática: mandei Creonte,

filho de Meneceu, irmão de minha esposa,

90 ao santuário pítico do augusto Febo

para indagar do deus o que me cumpre agora

fazer para salvar de novo esta cidade.

E quando conto os muitos dias transcorridos

desde a partida dele, sinto-me inquieto

95 com essa demora estranha, demasiado longa.

Mas, quando ele voltar, eu não serei então

um homem de verdade se não fizer tudo

que o deus ditar por intermédio de Creonte.

Os anciãos do CORO, que se haviam agrupado em volta de ÉDIPO enquanto ele falava, fazem um gesto indicando alguém que se aproxima.

SACERDOTE

Sim, vejo que falaste a tempo; neste instante

100 apontam-me Creonte; ei-lo de volta, enfim.

Entra Creonte, apressado, coroadado de bagas de loureiro, com aspecto alegre.

ÉDIPO

Traga-nos ele, deus Apolo, a salvação

resplandecente como seu próprio semblante!

SACERDOTE

Ele parece alegre; as bagas de loureiro
em forma de coroa são um bom sinal.

ÉDIPO

105 Ele já pode ouvir-nos; logo o escutaremos.

Dirigindo-se a creonte.

Filho de Meneceu, príncipe, meu cunhado,
transmite-nos depressa o que te disse o deus!

PRÓLOGO, Cena 2

CREONTE

Foi favorável a resposta, pois suponho
que mesmo as coisas tristes, sendo para bem,
110 podem tornar-se boas e trazer ventura.

ÉDIPO

Mas, que resposta ouviste? Estas palavras tuas
se por um lado não me trazem mais temores
por outro são escassas para dar-me alívio.

CREONTE

Indicando os tebanos ajoelhados.

Se é teu desejo ouvir-me na presença deles
115 disponho-me a falar. Ou levas-me ao palácio?

ÉDIPO

Quero que fales diante dos tebanos todos;
minha alma sofre mais por eles que por mim.

CREONTE

Revelarei então o que ouvi do deus.
Ordena-nos Apolo com total clareza

120 que libertemos Tebas de uma execração
oculta agora em seu benevolente seio,
antes que seja tarde para erradicá-la.

ÉDIPO

Como purificá-la? De que mal se trata?

CREONTE

Teremos de banir daqui um ser impuro
125 ou expiar morte com morte, pois há sangue
causando enormes males à nossa cidade.

ÉDIPO

Que morte exige expiação? Quem pereceu?

CREONTE

Laio, senhor, outrora rei deste país,
antes de seres aclamado soberano.

ÉDIPO

130 Sei, por ouvir dizer, mas nunca pude vê-lo.

CREONTE

Ele foi morto: o deus agora determina
que os assassinos tenham o castigo justo,
seja qual for a sua posição presente.

ÉDIPO

Onde os culpados estarão? Onde acharemos
135 algun vestígio desse crime muito antigo?

CREONTE

Em nossa terra, disse o deus; o que se busca
encontra-se, mas fuge-nos o que deixamos.

ÉDIPO

Foi no palácio, foi no campo ou em terra estranha
que assassinaram Laio como nos falaste?

CREONTE

140 Disse ele, quando foi, que ia ouvir o deus
e nunca mais voltou aos seus, à sua terra.

ÉDIPO

Nenhum arauto ou companheiro de viagem
viu algo que pudesse orientar-nos hoje?

CREONTE

Todos estão agora mortos, salvo um
145 que desapareceu com medo e pouco disse.

ÉDIPO

Que disse? É pouco, mas um mínimo detalhe
talvez nos leve a descobertas decisivas
se nos proporcionar um fio de esperança.

CREONTE

Falou que alguns bandidos encontraram Laio
150 e o trucidaram, não com a força de um só homem
pois numerosas mãos se uniram para o crime.

ÉDIPO

Como teria ousado tanto o malfeitor
sem conspirata em Tebas e sem corrupção?

CREONTE

Tivemos essa ideia, mas após o crime
155 nenhum de nós em meio a males mais prementes
pôde cuidar naquela hora de vingá-lo.

ÉDIPO

Que males, no momento em que o poder caía,
vos impediram de aclarar o triste evento?

CREONTE

A Esfinge, entoando sempre trágicos enigmas,
160 não nos deixou pensar em fatos indistintos;
outros, patentes, esmagavam-nos então.

ÉDIPO

Pois bem; eu mesmo, remontando à sua origem,
hei de torná-los evidentes sem demora.

Louve-se Febo, sejam tu também louvado

165 pelos cuidados que tiveste quanto ao morto;
verás que vou juntar-me a ti e secundar-te
no esforço para redimir nossa cidade.
E não apagarei a mácula por outrem,
mas por mim mesmo: quem matou antes um rei
170 bem poderá querer com suas próprias mãos
matar-me a mim também; presto um serviço a Laio
e simultaneamente sirvo à minha causa.

Dirigindo-se aos tebanos ajoelhados.

Vamos depressa, filhos! Vamos, levantai-vos
desses degraus! Levai convosco os vossos ramos
175 de suplicantes; quando decorrer o tempo
reúna-se de novo aqui a grei de Cadmo
e dedicar-me-ei de todo ao meu intento.
Querendo o deus, quando voltarmos a encontrar-nos
teremos satisfeito este nosso desejo,
180 pois o contrário será nossa perdição.

SACERDOTE

Sim, filhos meus, ergamo-nos; foi para isso
que aqui nos reunimos todos neste dia.
E possa Febo, inspirador das predições,
juntar-se a nós, ele também, para salvar-nos
185 e nos livrar deste flagelo para sempre!

Retiram-se ÉDIPO, CREONTE, o SACERDOTE e o povo. Permanece em cena o CORO, composto de anciãos, cidadãos notáveis de Tebas.

PÁRODO

CORO

Doce palavra de Zeus poderoso,
que vens trazendo da faustosa Delfos
à ilustre Tebas? Tenho meu espírito
tenso de medo; tremo de terror,
190 deus salutar de Delos, e pergunto,
inquieto, por que sendas me conduzes,
novas, talvez, ou talvez repetidas
após o lento perpassar dos anos.
Dize-me, filha da Esperança áurea,
195 voz imortal! Invoco-te primeiro,
filha do grande Zeus, eterna Atena,
e tua irmã, guardiã de Tebas, Ártemis
que tem assento em trono glorioso
na ágora de forma circular
200 e Febo, que de longe lança flechas:
aparecei, vós três, em meu socorro!
Se de outra vez, para afastar de nós
flagelo igual que nos exterminava
pudestes extinguir as longas chamas
205 da desventura, vinde a nós agora!

Ah! Quantos males nos afligem hoje!

O povo todo foi contagiado

e já não pode a mente imaginar

recurso algum capaz de nos valer!

210 Não crescem mais os frutos bons da terra;

mulheres grávidas não dão à luz,

aliviando-se de suas dores;

sem pausa, como pássaros velozes,

mais rápidas que o fogo impetuoso

215 as vítimas se precipitam céleres

rumo à mansão do deus crepuscular.

Tebas perece com seus habitantes

e sem cuidados, sem serem chorados,

ficam no chão, aos montes, os cadáveres,

220 expostos, provocando novas mortes.

Esposas, mães com seus cabelos brancos,

choram junto aos altares, nos degraus

onde gemendo imploram compungidas

o fim de tão amargas provações.

225 E o hino triste repercute forte

ao misturar-se às vozes lamentosas.

Diante disso, filha rutilante

de Zeus supremo, outorga-nos depressa

a tua sorridente proteção!

230 Faze também com que Ares potente
que agora nos ataca esbravejando
e sem o bronze dos escudos queima-nos
vá para longe, volte-nos as costas,
procure o leito imenso de Anfitrite
235 ou as revoltas vagas do mar Trácio,
pois o que a noite poupa o dia mata!
Zeus pai, senhor dos fúlgidos relâmpagos,
esmaga esse Ares, Zeus, com teus trovões!
O meu desejo, Apolo, é que dis pares
240 com teu arco dourado flechas rápidas,
inevitáveis, para socorrer-nos,
para nos proteger; o mesmo espero
das tochas fulgurantes com que Ártemis
percorre os montes lícios; meu apelo
245 também dirijo ao deus da tiara de ouro,
epônimo de Tebas, Baco alegre
de rosto cor de vinho, companheiro
das Mênades, para que avance e traga
a todos nós a tão pedida ajuda
250 com seu archote de brilhante chama
contra esse deus que nem os deuses prezam!

ÉDIPO reaparece, vindo do palácio, e dirige-se ao corifeu.

1º EPISÓDIO, Cena 1

ÉDIPO

Suplicas proteção e alívio de teus males.

Sem dúvida serão ouvidas tuas preces

se deres a atenção devida à minha fala

255 e tua ação corresponder às circunstâncias.

Quero dizer estas palavras claramente,

alheio aos vãos relatos, preso à realidade.

Hei de seguir, inda que só, o rumo certo;

o indício mais sutil será suficiente.

260 Já que somente após os fatos alegados

honraram-me os tebanos com a cidadania

declaro neste instante em alta voz, cadmeus:

ordeno a quem souber aqui quem matou Laio,

filho de Lábdaco, que me revele tudo;

265 ainda que receie represálias, fale!

Quem se denunciar não deverá ter medo;

não correrá outro perigo além do exílio;

a vida lhe será poupada. Se alguém sabe

que o matador não é tebano, é de outras terras,

270 conte-me logo, pois à minha gratidão

virá juntar-se generosa recompensa.

Mas se ao contrário, cidadãos, nada disserdes

e se qualquer de vós quiser inocentar-se

por medo ou para proteger algum amigo
275 da imputação de assassinato, eis minhas ordens:
proíbo terminantemente aos habitantes
deste país onde detenho o mando e o trono
que acolham o assassino, sem levar em conta
o seu prestígio, ou lhe dirijam a palavra
280 ou lhe permitam irmanar-se às suas preces
ou sacrifícios e homenagens aos bons deuses
ou que partilhem com tal homem a água sacra!
Que todos, ao contrário, o afastem de seus lares
pois ele comunica mácula indelével
285 segundo nos revela o deus em seu oráculo.
Eis, cidadãos, como demonstro acatamento
ao deus e apreço ao rei há tanto tempo morto.
O criminoso ignoto, seja ele um só
ou acumpliciado, peço agora aos deuses
290 que viva na desgraça e miseravelmente!
E se ele convive comigo sem que eu saiba,
invoco para mim também os mesmos males
que minhas maldições acabam de atrair
inapelavelmente para o celerado!
295 Exorto-vos a proceder assim, tebanos,
em atenção a mim, ao deus, por esta terra
que em frente aos vossos olhos está perecendo

entregue pelos nubes à esterilidade.

Ainda que essa purificação forçosa

300 não vos houvera sido imposta pelo deus,
não deveríeis deixar Tebas maculada
pois era o morto um homem excelente, um rei;
cumpria-vos esclarecer os fatos logo.

Considerando que hoje tenho em minhas mãos

305 o mando anteriormente atribuído a Laio
e que são hoje meus seu leito e a mulher
que deveria ter-lhe propiciado filhos,
e finalmente que se suas esperanças
por desventura não houvessem sido vãs,

310 crianças concebidas por uma só mãe
teriam estreitado laços entre nós
(mas a desgraça lhe caiu sobre a cabeça),
por todos esses ponderáveis fundamentos
hei de lutar por ele como por meu pai

315 e tomarei as providências necessárias
à descoberta do assassino do labdácida,
progênie do rei Polidoro, descendente
de Cadmo e Agenor, os grandes reis de antanho.

E quanto aos desobedientes, peço aos deuses

320 que a terra não lhes dê seus frutos e as mulheres
não tenham filhos deles, e sem salvação

pereçam sob o peso dos males presentes
ou vítimas de mal muitas vezes maior.

Mas, para vós, cadmeus que concordais comigo,

325 possa a justiça sempre estar do vosso lado
e não vos falte nunca a proteção divina!

CORIFEU

Escuta, então, senhor; tuas imprecações
compelem-me a falar. Não fui o assassino,
nem sei quem foi; cabia a Febo, deus-profeta,

330 que nos mandou punir agora o criminoso,
dizer-nos quem outrora cometeu o crime.

ÉDIPO

São justas as tuas palavras, mas ninguém
detém poder bastante para constranger
os deuses a mudar os seus altos desígnios.

CORIFEU

335 Veio-me à mente uma segunda ideia; exponho-a?

ÉDIPO

Mesmo a terceira, se tiveres, quero ouvir.

CORIFEU

Sei que Tirésias venerável é o profeta
mais próximo de Febo; se lhe perguntares,

dele ouviremos a revelação dos fatos.

ÉDIPO

340 Não descurei desse recurso; aconselhado
há pouco por Creonte, já mandei buscá-lo.
Espanta-me que ainda não tenha chegado.

CORIFEU

E quanto ao mais, só há rumores vãos, remotos.

ÉDIPO

Quais os rumores? Quero conhecê-los todos.

CORIFEU

345 Dizem que Laio foi morto por andarilhos.

ÉDIPO

Também ouvi dizer, mas não há testemunhas.

CORIFEU

Mas se o culpado for sensível ao temor,
não há de resistir quando tiver ciência
de tua dura, assustadora imprecação.

ÉDIPO

350 Quem age sem receios não teme as palavras.

CORIFEU

Vendo tirésias aproximar-se.

Já vejo aproximar-se quem vai descobri-lo.
Estão trazendo em nossa direção o vate
guiado pelos deuses, único entre os homens
que traz em sua mente a lúcida verdade.

Entra TIRÉSIAS, idoso e cego, conduzido por um menino.

1º EPISÓDIO, Cena 2

ÉDIPO

355 Tu, que apreendes a realidade toda,
Tirésias, tanto os fatos logo divulgados
quanto os ocultos, e os sinais vindos do céu
e os deste mundo (embora não consigas vê-los),
sem dúvida conheces os terríveis males
360 que afligem nossa terra; para defendê-la,
para salvá-la, só nos resta a tua ajuda.
Se ainda não ouviste de meus mensageiros,
Apolo revelou ao meu primeiro arauto
que só nos livraremos do atual flagelo
365 se, descoberto o assassino do rei Laio,
pudermos condená-lo à morte ou ao exílio.
Nesta emergência então, Tirésias, não nos faltes,

não nos recuses a revelação dos pássaros
nem os outros recursos de teus vaticínios;
370 salva a cidade agora, salva-te a ti mesmo,
salva-me a mim também, afasta de nós todos
a maldição que ainda emana do rei morto!
Estamos hoje em tuas mãos e a ação mais nobre
de um homem é ser útil aos seus semelhantes
375 até o limite máximo de suas forças.

TIRÉSIAS

Pobre de mim! Como é terrível a sapiência
quando quem sabe não consegue aproveitá-la!
Passou por meu espírito essa reflexão
mas descuidei-me, pois não deveria vir.

ÉDIPO

380 Qual a razão dessa tristeza repentina?

TIRÉSIAS

Manda-me embora! Assim suportarás melhor
teu fado e eu o meu. Deixa-me convencer-te!

ÉDIPO

Carecem de justiça tais palavras tuas
e de benevolência em relação a esta terra
385 que te nutriu, pois não quiseste responder.

TIRÉSIAS

Em minha opinião a tua longa fala
foi totalmente inoportuna para ti.
Então, para que eu não incorra em erro igual...

TIRÉSIAS faz menção de afastar-se.

ÉDIPO

Não, pelos deuses, já que sabes não te afastes!
390 Eis-nos aqui à tua frente, ajoelhados
em atitude súplice, toda a cidade!

TIRÉSIAS

Pois todos vós sois insensatos. Quanto a mim,
não me disponho a exacerbar meus próprios males;
para ser claro, não quero falar dos teus.

ÉDIPO

395 Que dizes? Sabes a verdade e não a falas?
Queres trair-nos e extinguir nossa cidade?

TIRÉSIAS

Não quero males para mim nem para ti.
Por que insistes na pergunta? É tudo inútil.
De mim, por mais que faças nada saberás.

ÉDIPO

400 Não falarás, então, pior dos homens maus,
capaz de enfurecer um coração de pedra?
Persistirás, inabalável, inflexível?

TIRÉSIAS

Acusas-me de provocar a tua cólera?
Não vês aquilo a que estás preso e me censuras?

ÉDIPO

405 E quem resistiria à natural revolta
ouvindo-te insultar assim nossa cidade?

TIRÉSIAS

O que tiver de vir virá, embora eu cale.

ÉDIPO

Mas tens de revelar-me agora o que há de vir!

TIRÉSIAS

Nada mais digo; encoleriza-te, se queres;
410 cede à mais cega ira que couber em ti!

ÉDIPO

Pois bem. Não dissimularei meus pensamentos,
tão grande é minha cólera. Fica sabendo
que em minha opinião articulaste o crime
e até o consumaste! Apenas tua mão

415 não o matou. E se enxergasses eu diria
que foste o criminoso sem qualquer ajuda!

TIRÉSIAS

Teu pensamento é este? Então escuta: mando
que obedecendo à ordem por ti mesmo dada
não mais dirijas a palavra a esta gente
420 nem a mim mesmo, pois és um maldito aqui!

ÉDIPO

Quanta insolência mostras ao falar assim!
Não vês que aonde quer que vás serás punido?

TIRÉSIAS

Sou livre; trago em mim a impávida verdade!

ÉDIPO

De quem a recebeste? Foi de tua arte?

TIRÉSIAS

425 De ti; forçaste-me a falar, malgrado meu.

ÉDIPO

Que dizes? Fala novamente! Vamos! Fala!
Não pude ainda compreender tuas palavras.

TIRÉSIAS

Não percebeste logo? Queres que eu repita?

ÉDIPO

Parece-me difícil entender-te. Fala!

TIRÉSIAS

430 Pois ouve bem: és o assassino que procuras!

ÉDIPO

Não me dirás palavras tão brutais de novo!

TIRÉSIAS

Devo falar ainda para enfurecer-te?

ÉDIPO

Prossegue, se quiseres. Falarás em vão!

TIRÉSIAS

Apenas quero declarar que, sem saber,
435 manténs as relações mais torpes e sacrílegas
com a criatura que devias venerar,
alheio à sordidez de tua própria vida!

ÉDIPO

Crês que te deixarei continuar falando
tão insolentemente sem castigo duro?

TIRÉSIAS

440 Se ao lado da verdade há sempre força, creio.

ÉDIPO

Pois há, exceto para ti. Em tua boca
torna-se débil a verdade; tens fechados
teus olhos, teus ouvidos e até mesmo o espírito!

TIRÉSIAS

És um desventurado, dizendo impropérios
445 que todos os tebanos dentro de algum tempo
proferirão sinceramente contra ti.

ÉDIPO

Tua existência é uma noite interminável.
Jamais conseguirás fazer-me mal, Tirésias,
nem aos demais que podem contemplar a luz!

TIRÉSIAS

450 Nisto estás certo. Os fados não determinaram
que minhas mãos te aniquilassem. Cuida Apolo
de conduzir-te ao fim, e os deuses tudo podem.

ÉDIPO

Após alguns instantes de reflexão.

São tuas estas invenções, ou de Creonte?

TIRÉSIAS

Ele não é a causa de teus muitos males;
455 tu mesmo os chamas sobre ti e mais ninguém.

ÉDIPO

Bens deste mundo, e força, e superior talento,
dons desta vida cheia de rivalidades,
que imensa inveja provocais, preciosas dádivas!
Por causa do poder que Tebas me outorgou
460 como um presente, sem um gesto meu de empenho,
Creonte, em tempos idos amigo fiel,
agora se insinua insidiosamente
por trás de mim e anseia por aniquilar-me,
levado por um feiticeiro, charlatão,
465 conspirador que só tem olhos para o ouro
e é cego em sua própria arte e em tudo mais!
Pois dize! Quando foste um vate fidedigno?
Por que silenciaste diante dos tebanos
ansiosos por palavras esclarecedoras
470 na época em que a Esfinge lhes propunha enigmas?
E não seria de esperar que um forasteiro
viesse interpretar os versos tenebrosos;
o dom profético te credenciaria,
mas não o possuías, como todos viram,
475 nem por inspiração das aves, nem dos deuses.
Pois eu cheguei, sem nada conhecer, eu, Édipo,
e impus silêncio à Esfinge; veio a solução
de minha mente e não das aves agoureiras.

E tentas derrubar-me, exatamente a mim,
480 na ânsia de chegar ao trono com Creonte!
Creio que a purificação desta cidade
há de custar-vos caro, a ti e ao teu comparsa!
Não fosses tu um velho e logo aprenderias
à força de suplícios que não deverias
485 chegar assim a tais extremos de insolência!

CORIFEU

Em nossa opinião a cólera inspirou
tanto as palavras de Tirésias como as tuas,
senhor. E não é disso que necessitamos,
mas de serenidade para executar
490 depressa e bem as ordens nítidas do deus.

TIRÉSIAS

Embora sejas rei tenho direito, Édipo,
de responder-te, pois me julgo igual a ti.
Ao menos isso eu posso. Não me considero
teu servidor, mas de Loxias, deus-profeta;
495 tampouco estou na dependência de Creonte.
Minha cegueira provocou injúrias tuas.
Pois ouve: os olhos teus são bons e todavia
não vês os males todos que te envolvem,
nem onde moras, nem com que mulher te deitas.

500 Sabes de quem nasceste? És odioso aos teus,
aos mortos como aos vivos, e o açoite duplo
da maldição de tua mãe e de teu pai
há de expulsar-te um dia em vergonhosa fuga
de nossa terra, a ti, que agora tudo vês
505 mas brevemente enxergarás somente sombras!
E todos os lugares hão de ouvir bem cedo
os teus lamentos; logo o Citéron inteiro
responderá aos teus gemidos dolorosos
quando afinal compreenderes em que núpcias
510 vivias dentro desta casa, onde encontraste
após viagem tão feliz um porto horrível.
Também ignoras muitas outras desventuras
que te reduzirão a justas proporções
e te farão igual aos filhos que geraste.
515 Sentir-te-ás um dia tão aniquilado
como jamais homem algum foi neste mundo!

ÉDIPO

Tolerarei tais impropérios vindos dele?
Maldito sejas pelos deuses neste instante!
Por que não te retiras já deste lugar?

TIRÉSIAS

520 Eu não teria vindo aqui se não mandasses.

ÉDIPO

É que eu não esperava ouvir tais disparates.
Se fosse previdente não me apressaria
a convidar-te a vir até o meu palácio.

TIRÉSIAS

Consideras-me louco mas para teus pais,
525 que te puseram neste mundo, fui sensato.

ÉDIPO

Que pais? Espera! Que homem me deu a vida?

TIRÉSIAS

Verás num mesmo dia teu princípio e fim.

ÉDIPO

Falaste vagamente e recorrendo a enigmas.

TIRÉSIAS

Não és tão hábil para decifrar enigmas?

ÉDIPO

530 Insultas-me no que me fez mais venturoso.

TIRÉSIAS

Dessa ventura te há de vir a perdição.

ÉDIPO

Mas eu salvei esta cidade: é quanto basta.

TIRÉSIAS

Dirigindo-se ao menino que o guiava.

Então irei embora. Tu, menino, leva-me.

ÉDIPO

Leve-te logo! Aqui me ofendes; longe, não.

TIRÉSIAS

- 535 Já me retiro mas direi antes de ir,
sem nada recear, o que me trouxe aqui,
pois teu poder não basta para destruir-me.
Agora ouve: o homem que vens procurando
entre ameaças e discursos incessantes
540 sobre o crime contra o rei Laio, esse homem, Édipo,
está aqui em Tebas e se faz passar
por estrangeiro, mas todos verão bem cedo
que ele nasceu aqui e essa revelação
não há de lhe proporcionar prazer algum;
545 ele, que agora vê demais, ficará cego;
ele, que agora é rico, pedirá esmolas
e arrastará seus passos em terras de exílio,
tateando o chão à sua frente com um bordão.
Dentro de pouco tempo saberão que ele
550 ao mesmo tempo é irmão e pai dos muitos filhos

com quem vive, filho e consorte da mulher
de quem nasceu; e que ele fecundou a esposa
do próprio pai depois de havê-lo assassinado!

Vai e reflete sobre isso em teu palácio

555 e se me convenceres de que agora minto
então terás direito de dizer bem alto
que não há sapiência em minhas profecias!

TIRÉSIAS retira-se guiado pelo menino. ÉDIPO volta ao palácio.

1º ESTÁSIMO

CORO

Quem perpetrou com as mãos ensanguentadas
indescritíveis, torpes atentados

560 segundo a voz fatídica da pedra
de onde provém o oráculo de Delfos?

Para o culpado já chegou a hora
de iniciar súbita fuga igual

à dos corcéis velozes como os ventos

565 pois o filho de Zeus, divino Apolo,
armado de relâmpagos ardentes
lança-se contra ele juntamente
com as infalíveis, as terríveis Fúrias.

No Parnaso coberto de alta neve

570 acaba de estrondar a ordem clara:
que todos saiam em perseguição
do criminoso até agora ignoto,
errante pelas selvas e cavernas
e rochas, ofegante como um touro.

575 Seguindo a trilha adversa que o isola
dos homens o infeliz tenta escapar
aos rígidos oráculos oriundos
do âmago da terra, mas em vão:
eles, eternamente vivos, cercam-no.

580 Terríveis, sim, terríveis são as dúvidas
que o adivinho pôs em minha mente;
não creio, não descreio, estou atônito.
Adeja o meu espírito indeciso,
perplexo entre o passado e o presente.

585 Que controvérsia pode ter havido
entre os labdácidas e o descendente
de Pôlibo? Nem nos tempos remotos
nem hoje sou capaz de vislumbrar
realidades que me deem provas

590 contra a inteireza e a boa fama de Édipo
e me decidam a tirar vingança
de um assassínio ainda envolto em trevas
optando pela causa dos labdácidas.

Apolo e Zeus têm olhos para tudo.

595 Eles conhecem as ações dos homens
mas um mortal, um simples adivinho,
não pode convencer-me; é inaceitável,
embora no saber um homem possa
ultrapassar os outros muitas vezes.

600 Jamais, antes de ver ratificada
a fala do adivinho, darei crédito
à acusação lançada contra Édipo;
sim, foi aos olhos dos tebanos todos
que outrora a Esfinge veio contra ele
605 e todos viram que Édipo era sábio
e houve razões para que fosse amado
por nosso povo. Diante desses fatos
jamais o acusarei de qualquer crime.

Entra CREONTE agitado.

2º EPISÓDIO, Cena 1

CREONTE

Fiquei sabendo, cidadãos, que nosso rei
610 lançava contra mim acusações terríveis;
não me disponho a suportá-las; eis-me aqui.
Se em nossos infortúnios de hoje ele imagina
que em atos ou palavras lhe fiz injustiças,
não quero prosseguir vivendo sob o peso
615 de tal imputação; o dano que me causa
essa suspeita não é pouco, é mesmo enorme
se na cidade, se por vós, por meus amigos,
sou acusado de traição ao nosso rei.

CORIFEU

Talvez aquela injúria tenha tido origem
620 mais no arrebatamento que na reflexão.

CREONTE

Como terá podido Édipo supor
que a culpa é minha se o adivinho mentiu?

CORIFEU

Ele falou assim, não sei pensando em quê.

CREONTE

Estava firme o seu olhar, o ânimo firme
625 quando ele me acusou dessa maneira insólita?

CORIFEU

Não sei; não gosto de encarar os poderosos.

Vendo ÉDIPO reaparecer, vindo do palácio.

Mas ele próprio está saindo do palácio.

ÉDIPO

Dirigindo-se bruscamente a CREONTE.

Que fazes, tu que estás aí? Ainda ousas
chegar a mim, tu que seguramente queres
630 tirar-me a vida e despojar-me do poder
abertamente? Pois vejamos! Dize agora:
chegaste à conclusão de que sou um covarde
ou insensato, para conceber projetos
tão sórdidos? Acreditavas que eu não via
635 tuas maquinações e não as puniria
havendo-as descoberto? Dize, pelos deuses:
não é conduta de demente cobiçar,
sem bens e sem amigos, o poder sem par
que vem do povo numeroso e da riqueza?

CREONTE

640 Que podes esperar de mim falando assim?
Deixa-me responder, pois sou igual a ti,
e julga livremente após haver-me ouvido.

ÉDIPO

És hábil em palavras; sinto-me inclinado
a ouvir-te, embora sejas inimigo pérfido.

CREONTE

645 Primeiro, quero refutar essas palavras.

ÉDIPO

Primeiro, não me digas que não és culpado!

CREONTE

Se crês que a intransigência cega é um bem, enganas-te.

ÉDIPO

Se crês que a ofensa não será punida, iludes-te.

CREONTE

Concordo com tuas palavras, mas revela-me
650 o grande mal que em tua opinião te fiz!

ÉDIPO

Persuadiste-me ou não me persuadiste
a consultar o venerável adivinho?

CREONTE

Ainda agora sou da mesma opinião.

ÉDIPO

E quanto tempo já passou desde que Laio...

CREONTE

655 Que fez o falecido rei? Não compreendo.

ÉDIPO

...morreu, ferido pela mão de um assassino?

CREONTE

Contar-se-ia uma sequência longa de anos.

ÉDIPO

E já Tirésias nesse tempo era adivinho?

CREONTE

Ele já era sábio e reverenciado.

ÉDIPO

660 E ele aludiu então a mim alguma vez?

CREONTE

Que eu saiba, nunca, ao menos em minha presença.

ÉDIPO

Não te ocorreu mandar investigar o crime?

CREONTE

Fizemo-lo, decerto, e nada descobrimos.

ÉDIPO

Por que esse adivinho sábio nada disse?

CREONTE

665 Não sei. Quando não compreendo, silêncio.

ÉDIPO

Mas não ignoras, e dirias de bom grado...

CREONTE

Não calarei, se for de meu conhecimento.

ÉDIPO

...que sem haver entendimento entre ele e ti
jamais afirmaria ele que fui eu

670 o causador da morte trágica de Laio.

CREONTE

Sabes o que ele disse, mas eu também tenho
direito de fazer-te agora umas perguntas.

ÉDIPO

Pergunta! Não serei por isso o criminoso.

CREONTE

Quem sabe?... Desposaste minha irmã Jocasta?

ÉDIPO

675 Só posso responder afirmativamente.

CREONTE

Partilhas o poder com ela em mando igual?

ÉDIPO

Faço-lhe todas as vontades no governo.

CREONTE

Depois de ti e dela não sou eu quem manda?

ÉDIPO

É certo, e este fato agrava a tua culpa.

CREONTE

680 Segue meu pensamento e mudarás de ideia.

Medita, para começar, neste detalhe:

crês que jamais homem algum preferiria

o trono e seus perigos a tranquilo sono

tendo poder idêntico sem arriscar-se?

685 Pois quanto a mim ambiciono muito menos
a condição de rei que o mando nela implícito;
pensam assim todos os homens comedidos
em seus desejos. Sem me expor, obtenho agora
tudo de ti; ou não? Porém se eu fosse rei

690 teria de ceder a muitas injunções.

Por que motivo, então, me tentaria o trono
mais que essa onipotência livre de percalços?
Não sou ainda cego, a ponto de almejar
mais que a influência e o proveito consequente.

695 Já sou por todos festejado, já me acolhem
todos solícitos, e todos que precisam
de ti primeiro me procuram; todos eles
conseguem tudo por interferência minha.

Como haveria eu, então, de desprezar
700 o que já tenho para obter o que insinuas?
Seria tolo esse procedimento pérfido.

O plano que imaginas não me atrairia
e eu não o realizaria inda ajudado.

Queres a prova? Sem demora vai a Delfos
705 e informa-te se relatei fielmente o oráculo.

Ainda vou mais longe: se me convenceres
de haver-me conluiado com o velho adivinho
merecerei dupla condenação à morte:

a minha e a tua. Não me acuses com base
710 em vagas, pálidas suspeitas sem me ouvir.

Fere a justiça apelidar levianamente
os bons de maus ou os maus de bons. E desprezar
um amigo fidedigno, em minha opinião,
é o mesmo que menosprezar a própria vida,

715 o bem mais precioso. Com o passar dos anos
seguramente reconhecerás tudo isso,
pois só com o tempo se revela o homem justo;
mas basta um dia para descobrir o pérfido.

CORIFEU

Creio, senhor, que ele falou sensatamente,
720 como quem faz esforços para não errar;
quem julga afoitamente não é infalível.

ÉDIPO

Se empregam afoiteza para derrubar-me
insidiosamente, devo ser afoito
ao defender-me; se eu não estiver atento
725 os planos deles podem transformar-se em fatos
e os meus fracassarão inevitavelmente.

CREONTE

E que pretendes? Exilar-me desta terra?

ÉDIPO

Desejo a tua morte, e não o teu exílio.

CREONTE

Serias justo se provasses minha culpa.

ÉDIPO

730 Comportas-te como se não devesses nunca
ceder e obedecer ao detentor do mando.

CREONTE

A retidão faz falta em tuas decisões.

ÉDIPO

Quando se trata de meus interesses, não.

CREONTE

O meu também mereceria igual cuidado.

ÉDIPO

735 És mau, Creonte!

CREONTE

Não queres compreender!

ÉDIPO

Mas deves-me da mesma forma obediência!

CREONTE

Se mandas mal, não devo.

ÉDIPO

Meu povo! Meu povo!

CREONTE

740 Também pertenço ao povo, que não é só teu!

CORIFEU

Vendo JOCASTA sair do palácio.

Cessai, senhores, pois Jocasta vem saindo
de seu palácio em boa hora para vós.

Com a vinda dela creio que deveis pôr termo
sem mais demora ao vosso desentendimento.

Entra JOCASTA, vinda do palácio.

JOCASTA

745 Por que vos enfrentais nessa disputa estéril
desventurados? Não pensais? E não corais,
de pejo por alimentar vossas querelas
em meio a tais calamidades para Tebas?
Entra, Édipo, e tu, Creonte, volta ao lar.

750 Não deve uma frivolidade transformar-se
em causa de aflição mais grave para vós.

CREONTE

Parece justo ao teu esposo, minha irmã,
tratar-me rudemente. Édipo quer que eu opte
entre dois males: ou o exílio doloroso
755 da terra de meus pais, ou vergonhosa morte.

ÉDIPO

Confirmo. Tenho convicção, mulher, de que ele

tramou a minha queda e quis realizá-la.

CREONTE

Não tenha eu agora bem algum e morra
maldito pelos deuses se de qualquer forma
760 mereço essas acusações sem fundamento!

JOCASTA

Em nome das augustas divindades, Édipo,
suplico-te que creias nas palavras dele,
primeiro pelo juramento recém-feito
perante os deuses, e depois por reverência
765 a mim e aos cidadãos presentes. Dá-lhe crédito!

CORIFEU

Reflete, atenta bem, consente!
Suplico-te, senhor! Consente!

ÉDIPO

Em que desejas que eu consinta?

CORIFEU

Concorda com Creonte; nunca
770 ele foi insensato, e hoje
chegou até o juramento!

ÉDIPO

Sabes o que me estás pedindo?

CORIFEU

Se peço é porque sei, senhor.

ÉDIPO

Aclara, então, o que disseste.

CORIFEU

775 Não deves acolher jamais
rumores vagos, não provados,
para fazer acusações
desprimorosas ao amigo
que tem suspensas maldições
780 sobre a cabeça se mentir.

ÉDIPO

Não deves ignorar, então,
que pedes simultaneamente
a minha morte e o meu exílio!

CORIFEU

Não, pelo Sol, o deus mais alto!
785 Que eu morra no pior suplício,
abandonado pelos deuses,
pelos amigos, se passou
por minha mente esse propósito!

Em meu constante sofrimento
790 já tenho a alma lacerada
por ver as chagas desta terra;
aos muitos males que nos ferem
agora vêm juntar-se novos!

ÉDIPO

Pois viva ele em paz, então,
795 ainda que por isso eu morra
ou seja expulso desta terra
envilecido; é tua prece,
e não a dele, que me toca
e excita minha piedade.
800 Meu ódio há de segui-lo sempre!

CREONTE

Vejo que cedes contrafeito
mas te censurarás mais tarde,
quando essa cólera passar.
Temperamentos como o teu
805 atraem sempre sofrimentos.

ÉDIPO

Não vais então deixar-me em paz?
Por que não abandonas Tebas?

CREONTE

Sim, partirei, pois não quiseste
compreender-me; sei, porém,
810 que meus concidadãos presentes
aprovam meu procedimento.

Sai CREONTE.

2º EPISÓDIO, Cena 2

CORIFEU

*Dirigindo-se a JOCASTA, após o silêncio subsequente à saída de
CREONTE.*

Por que tardas, senhora, a levar
nosso rei de regresso ao palácio?

JOCASTA

Fá-lo-ei quando ouvir teu relato.

CORIFEU

815 Levantaram-se vagas suspeitas
provocadas por simples palavras.
A injustiça, bem sabes, ofende.

JOCASTA

Tua fala refere-se aos dois?

CORIFEU

Tanto a Édipo quanto a Creonte.

JOCASTA

820 Que diziam os dois no debate?

CORIFEU

Basta. Creio que basta ficarmos
onde a rude querela cessou.

Nossa terra já está muito aflita.

ÉDIPO

Que até então estivera absorto, em atitude de profunda meditação.

Vês aonde chegaste, apesar
825 de movido por boa intenção,
não querendo amparar minha causa
e deixando abalar-se a afeição
que deverias sentir por teu rei?

CORIFEU

Muitas vezes te disse, senhor,
830 que eu seria o maior dos estultos,
criatura sem raciocínio,
se algum dia pensasse em deixar-te,
em faltar ao herói que sozinho
libertou minha terra querida

835 quando outrora a desgraça a extinguiu.

Inda agora, se podes, meu rei,
vem mostrar-te seu guia seguro!

JOCASTA

Por que razão, senhor (dize-me pelos deuses),
permites que essa cólera feroz te vença?

ÉDIPO

840 Dir-te-ei, mulher, pois te honro mais que a essa gente:
a causa foi Creonte com sua torpeza.

JOCASTA

Prossegue, se és capaz de recordar ainda
como a querela começou entre ele e ti.

ÉDIPO

Ele me acusa, a mim, de ter matado Laio.

JOCASTA

845 Foi por ciência própria ou por ouvir dizer?

ÉDIPO

Seu porta-voz foi um malévolos adivinho;
de sua própria boca nada nós ouvimos.

JOCASTA

Não há razões, então, para inquietação;

ouve-me atentamente e ficarás sabendo
850 que o dom divinatório não foi concedido
a nenhum dos mortais; em escassas palavras
vou dar-te provas disso. Não direi que Febo,
mas um de seus intérpretes, há muito tempo
comunicou a Laio, por meio de oráculos,
855 que um filho meu e dele o assassinaria;
pois apesar desses oráculos notórios
todos afirmam que assaltantes de outras terras
mataram Laio há anos numa encruzilhada.
Vivia nosso filho seu terceiro dia
860 quando o rei Laio lhe amarrou os tornozelos
e o pôs em mãos de estranhos, que o lançaram logo
em precipícios da montanha inacessível.
Naquele tempo Apolo não realizou
as predições: o filho único de Laio
865 não se tornou o matador do próprio pai;
não se concretizaram as apreensões do rei
que tanto receava terminar seus dias
golpeado pelo ser que lhe devia a vida.
Falharam os oráculos; o próprio deus
870 evidencia seus desígnios quando quer,
sem recorrer a intérpretes, somente ele.

ÉDIPO

Após alguns instantes de silêncio, demonstrando preocupação.

Minha alma encheu-se de temores e a aflição
subiu-me à mente ouvindo-te falar, senhora...

JOCASTA

Que ânsia te possui para dizeres isso?

ÉDIPO

875 Terias dito há pouco que mataram Laio
em uma encruzilhada. Ou foi engano meu?

JOCASTA

Assim falaram e repetem desde então.

ÉDIPO

E onde ocorreu o evento lamentável? Sabes?

JOCASTA

880 A região chama-se Fócis; as estradas
de Delfos e de Dáulia para lá convergem.

ÉDIPO

Quando se deu o fato? Podes recordar-te?

JOCASTA

Pouco antes de assumires o poder aqui.

ÉDIPO

Zeus poderoso! Que fazes de mim agora?

JOCASTA

Qual o motivo dessa inquietação, senhor?

ÉDIPO

885 Não me interrogues. Antes quero que respondas:
Como era Laio e quantos anos tinha então?

JOCASTA

Ele era alto; seus cabelos começavam
a pratear-se. Laio tinha traços teus.

ÉDIPO

Ai! Infeliz de mim! Começo a convencer-me
890 de que lancei contra mim mesmo, sem saber,
as maldições terríveis pronunciadas hoje!

JOCASTA

Que dizes? Tenho medo de encarar-te, Édipo!

ÉDIPO

É horrível! Temo que Tirésias, mesmo cego,
tenha enxergado, mas ainda quero ouvir
895 uma palavra tua para esclarecer-me.

JOCASTA

Também estou inquieta mas responderei

a todas as tuas perguntas. Faze-as, pois.

ÉDIPO

Era pequena a escolta que seguia Laio,
ou numerosa guarnição o protegia

900 por se tratar de um homem poderoso, um rei?

JOCASTA

Seus seguidores eram cinco ao todo; entre eles
contava-se um arauto; um carro só levava-os.

ÉDIPO

Ah! Deuses! Tudo agora é claro! Mas, quem foi
que outrora te comunicou esses detalhes?

JOCASTA

905 Um serviçal que se salvou, ao regressar.

ÉDIPO

Inda se encontra no palácio esse criado?

JOCASTA

Não. Ao voltar, vendo-te no lugar de Laio,
tomou-me as mãos e suplicou-me que o mandasse
aos campos para apascentar nossos rebanhos,

910 pois desejava estar bem longe da cidade.

Fiz-lhe a vontade, pois o servo parecia

merecedor de recompensa inda maior.

ÉDIPO

Será possível tê-lo aqui em pouco tempo?

JOCASTA

Seguramente; mas por que esse desejo?

ÉDIPO

915 Temo, senhora, haver falado além da conta;
por isso tenho pressa em vê-lo e interrogá-lo.

JOCASTA

Ele virá mas creio merecer também
uma palavra tua sobre teus receios.

ÉDIPO

Não te recusarei, pois resta-me somente
920 uma esperança. A quem senão a ti, senhora,
eu falaria livremente nesse transe?

Pausa.

Meu pai é Pôlibo, coríntio, minha mãe,
Mérope, dórica. Todos consideravam-me
o cidadão mais importante de Corinto.

925 Verificou-se um dia um fato inesperado,
motivo de surpresa enorme para mim

embora no momento não me preocupasse,
dadas as circunstâncias e os participantes.

Foi numa festa; um homem que bebeu demais

930 embriagou-se e logo, sem qualquer motivo,
pôs-se a insultar-me e me lançou o vitupério
de ser filho adotivo. Depois revoltei-me;
a custo me contive até findar o dia.

Bem cedo, na manhã seguinte, procurei

935 meu pai e minha mãe e quis interrogá-los.

Ambos mostraram-se sentidos com o ultraje,

mas inda assim o insulto sempre me doía;

gravara-se profundamente em meu espírito.

Sem o conhecimento de meus pais, um dia

940 fui ao oráculo de Delfos mas Apolo

não se dignou de desfazer as minhas dúvidas;

anunciou-me claramente, todavia,

maiores infortúnios, trágicos, terríveis;

eu me uniria um dia à minha própria mãe

945 e mostraria aos homens descendência impura

depois de assassinar o pai que me deu vida.

Diante dessas predições deixei Corinto

guiando-me pelas estrelas, à procura

de pouso bem distante, onde me exilaria

950 e onde jamais se tornariam realidade

– assim pensava eu – aquelas sordidezas
prognosticadas pelo oráculo funesto.
Cheguei um dia em minha marcha ao tal lugar
onde, segundo dizes, o rei pereceu.

- 955 E a ti, mulher, direi toda a verdade agora.
Seguia despreocupado a minha rota;
quando me aproximei da encruzilhada tríplice
vi um arauto à frente de um vistoso carro
correndo em minha direção, em rumo inverso;
- 960 no carro viajava um homem já maduro
com a compleição do que me descreveste há pouco.
O arauto e o próprio passageiro me empurraram
com violência para fora do caminho.
Eu, encolerizado, devolvi o golpe
- 965 do arauto; o passageiro, ao ver-me reagir,
aproveitou o momento em que me aproximei
do carro e me atingiu com um dúplice agulhão,
de cima para baixo, em cheio na cabeça.
Como era de esperar, custou-lhe caro o feito:
- 970 no mesmo instante, valendo-me de meu bordão
com esta minha mão feri-o gravemente.
Pendendo para o outro lado, ele caiu.
E creio que também matei seus guardas todos.
Se o viajante morto era de fato Laio,

975 quem é mais infeliz que eu neste momento?
Que homem poderia ser mais odiado
pelos augustos deuses? Estrangeiro algum,
concidadão algum teria o direito
de receber-me em sua casa, de falar-me;
980 todos deveriam repelir-me.
E o que é pior, fui eu, não foi outro qualquer,
quem pronunciou as maldições contra mim mesmo.
Também maculo a esposa do finado rei
ao estreitá-la nestes braços que o mataram!
985 Não sou um miserável monstro de impureza?
E terei de exilar-me e em minha vida errante
não poderei jamais voltar a ver os meus
nem pôr de novo os pés no chão de minha pátria,
pois se o fizesse os fados me compeliriam
990 a unir-me à minha mãe e matar o rei Pôlibo,
meu pai, a quem eu devo a vida e tudo mais!
Não, não, augusta majestade de meus deuses!
Fazei com que esse dia nunca, nunca chegue!
Fazei com que se acabe a minha vida antes
995 de essa vergonha imensa tombar sobre mim!

CORIFEU

Tudo isso nos aterroriza, a nós também,
senhor, mas sê esperançoso até que fale

a testemunha e esclareça os fatos todos.

ÉDIPO

É a única esperança que me resta, esse homem,
1000 esse pastor, só ele, nada e mais ninguém!

JOCASTA

Mas, que certeza a vinda dele pode dar-te?

ÉDIPO

Dir-te-ei: se o seu relato coincidir com o teu,
livrar-me-ei dessa iminente maldição.

JOCASTA

A que relato meu, tão sério, te referes?

ÉDIPO

1005 Ouvi de ti há pouco que, segundo ele,
os assassinos foram vários assaltantes.
Se ele vier e reiterar a afirmação,
o criminoso não sou eu; somente um homem
não equivale a vários. Mas, se ele falar
1010 de um homem só, de apenas um, então, senhora,
a imputação se aplicará a mim, sem dúvida.

JOCASTA

Ele falou exatamente como eu disse

e agora não irá mudar o seu relato.

Toda a cidade pôde ouvi-lo, além de mim.

1015 Se, entretanto, ele afastar-se das palavras
já divulgadas, inda assim não provará
que o crime perpetrado contra Laio há tempo
correspondeu à predição oracular,
pois Febo declarou que ele terminaria

1020 seus dias morto pelas mãos de um filho meu.
Mas Laio não morreu golpeado por meu filho;
meu pobre filho faleceu muito antes dele.
Também, de hoje em diante não mais olharei
à esquerda ou à direita em busca de presságios.

ÉDIPO

1025 E tens razão. Quanto ao escravo, manda alguém
buscá-lo e não negligencies minhas ordens.

JOCASTA

Tua vontade será feita sem demora.

Nada faria contra teus desejos. Vamos.

JOCASTA e ÉDIPO entram no palácio.

2º ESTÁSIMO

CORO

Seja-me concedido pelos fados
1030 compartilhar da própria santidade
 não só em todas as minhas palavras
 como em minhas ações, sem exceção,
 moldadas sempre nas sublimes leis
 originárias do alto céu divino.

1035 Somente o céu gerou as santas leis;
 não poderia a condição dos homens,
 simples mortais, falíveis, produzi-las.
 Jamais o oblívio as adormecerá;
 há um poderoso deus latente nelas,
1040 eterno, imune ao perpassar do tempo.
 O orgulho é o alimento do tirano;
 quando ele faz exagerada messe
 de abusos e temeridades fátuas
 inevitavelmente precipita-se

1045 dos píncaros no abismo mais profundo
 de males de onde nunca mais sairá.
 A emulação, porém, pode ser útil
 se visa ao benefício da cidade;
 que a divindade a estimule sempre

1050 e não me falte a sua proteção.
 Mas o homem que nos atos e palavras
 se deixa dominar por vão orgulho

sem rezear a obra da justiça
e não cultua propriamente os deuses
1055 está fadado a doloroso fim,
vítima da arrogância criminosa
que o induziu a desmedidos ganhos,
a sacrilégios, à loucura máxima
de profanar até as coisas santas.
1060 Quem poderá, então, vangloriar-se,
onde tais atentados têm lugar,
de pôr-se a salvo dos divinos dardos?
Se crimes como esses são louvados,
por que cantamos os sagrados coros?
1065 Não mais irei ao centro sacrossanto
do mundo reverenciar Apolo,
nem ao muito falado templo de Abas,
nem ao de Olímpia, se essas predições
não forem confirmadas pelos fatos,
1070 de tal forma que se possa citá-las
como um exemplo para os homens todos.
Deus todo-poderoso, se mereces
teu santo nome, soberano Zeus,
demonstra que em tua glória imortal
1075 não és indiferente a tudo isso!
Desprezam os oráculos ditados

a Laio, como se nada valessem;
Apolo agora não é adorado
com o esplendor antigo em parte alguma;
1080 a reverência aos deuses já se extingue.

Entra JOCASTA vinda do palácio, com criadas portando oferendas.

3º EPISÓDIO

JOCASTA

Veio-me o pensamento, cidadãos ilustres,
de dirigir-me aos deuses em seus santuários
levando-lhes nas mãos coroas e perfumes.
Sobem à mente de Édipo, como soubestes,
1085 inquietações sem número e nosso senhor
não interpreta, como fora razoável,
as novas predições à luz das mais antigas;
muito ao contrário, ele se curva a quem lhe fala,
desde que lhe relatem fatos tenebrosos.
1090 Se nada consegui com minhas advertências,
volto-me para ti, divino Apolo Lício,
que em teu altar estás mais próximo de nós,
prostrada e súplice com minhas oferendas;
peço-te que, purificando-nos da mácula,
1095 possas trazer-nos afinal a salvação.

Todos (por que negar?) sentimos medo hoje,
iguais a nautas ao notarem que o piloto
perde o domínio do timão e desespera.

*JOCASTA depõe as oferendas sobre o altar de Apolo e se prosterna
diante dele, enquanto as criadas queimam incenso. Vendo o
MENSAGEIRO chegar, JOCASTA junta-se ao CORO.*

MENSAGEIRO

Dirigindo-se aos anciãos do CORO.

Pergunto-vos onde é o palácio do rei Édipo;
1100 dizei-me, sobretudo, onde ele próprio está.

CORIFEU

Vês o palácio dele; o rei está lá dentro;
à tua frente está sua mulher e mãe
dos filhos dele. Eis a resposta, forasteiro.

MENSAGEIRO

Dirigindo-se a JOCASTA.

Auguro-te felicidade para sempre
1105 entre gente feliz, perfeita companheira
do homem que viemos procurar em Tebas.

JOCASTA

Desejo-te ventura idêntica, estrangeiro,

em retribuição aos votos generosos.

Mas, dize a que vieste e que mensagem trazes.

MENSAGEIRO

1110 Notícias favoráveis para a tua casa,
senhora, e para teu real esposo, Édipo.

JOCASTA

De que se trata? De que terra estás chegando?

MENSAGEIRO

Vim de Corinto. Espero que minhas palavras
hão de trazer-te algum prazer – seguramente
1115 elas trarão – mas podem também afligir-te.

JOCASTA

Quais são essas palavras de eficácia ambígua?

MENSAGEIRO

Os habitantes todos de Corinto querem
fazer de Édipo seu rei, segundo afirmam.

JOCASTA

O quê? Já não detém o mando o velho Pôlibo?

MENSAGEIRO

1120 Não mais; a morte acaba de levá-lo ao túmulo.

JOCASTA

Estou ouvindo bem? Rei Pôlibo morreu?

MENSAGEIRO

Quero também morrer se não digo a verdade!

JOCASTA

Dirigindo-se a uma de suas criadas.

Corre, mulher! Vai sem demora anunciar
o fato ao teu senhor! Oráculos dos deuses!

1125 A que ficastes reduzidos neste instante!
Rei Édipo exilou-se apenas por temor
de destruir um dia a vida desse homem
agora morto pelos fados, não por ele!

Entra ÉDIPO.

ÉDIPO

Cara mulher, Jocasta, por que me fizeste
1130 sair de meu palácio para vir aqui?

JOCASTA

Ouve a mensagem deste forasteiro e vê
aonde levam os oráculos dos deuses.

ÉDIPO

Quem é este homem? Que vem ele anunciar-me?

JOCASTA

É de Corinto. Vem comunicar que Pôlibo,
1135 teu pai, já não existe; acaba de morrer.

ÉDIPO

Que dizes, estrangeiro? Fala-me tu mesmo!

MENSAGEIRO

Se assim desejas, falo: Pôlibo morreu.

ÉDIPO

Por traição, ou foi de morte natural?

MENSAGEIRO

Os males mais ligeiros matam gente idosa.

ÉDIPO

1140 O infeliz foi vítima de uma doença?

MENSAGEIRO

Foi, e dos muitos anos que ele viu passarem.

ÉDIPO

Por que, mulher, devemos dar tanta atenção
ao fogo divinal da profetisa pítica
ou, mais ainda, aos pios das etéreas aves?

1145 Segundo antigas predições eu deveria
matar meu próprio pai; agora ele repousa

debaixo da pesada terra e quanto a mim
não pus as mãos ultimamente em qualquer arma.

Ironicamente.

(Ele foi vítima, talvez, da grande mágoa
1150 que minha ausência lhe causou; somente assim
eu poderia motivar a sua morte...)

De qualquer forma Pôlibo pertence agora
ao reino de Hades e também levou com ele
as tristes profecias. Não, esses oráculos
1155 carecem todos de qualquer significado.

JOCASTA

Há quanto tempo venho usando essas palavras?

ÉDIPO

Dou-te razão, mas o temor desatinava-me.

JOCASTA

Pois não lhes dê mais atenção de hoje em diante.

ÉDIPO

Não deveria amedrontar-me a perspectiva
1160 de partilhar o tálamo de minha mãe?

JOCASTA

O medo em tempo algum é proveitoso ao homem.

O acaso cego é seu senhor inevitável
e ele não tem sequer pressentimento claro
de coisa alguma; é mais sensato abandonarmo-nos
1165 até onde podemos à fortuna instável.
Não deve amedrontrar-te, então, o pensamento
dessa união com tua mãe; muitos mortais
em sonhos já subiram ao leito materno.
Vive melhor quem não se prende a tais receios.

ÉDIPO

1170 Seria válida tua argumentação
se minha mãe já fosse morta, mas é viva,
e embora julgue justas as tuas palavras
não tenho meios de evitar esse temor.

JOCASTA

De qualquer modo é grande alívio para ti
1175 saber que Pôlibo, teu pai, está no túmulo.

ÉDIPO

Concordo, mas receio aquela que está viva.

MENSAGEIRO

Que durante o diálogo de JOCASTA com ÉDIPO tentara intrometer-se.

E que mulher é causa desse teu receio?

ÉDIPO

Falo de Mérope, viúva do rei Pôlibo.

MENSAGEIRO

Ela é capaz de motivar os teus temores?

ÉDIPO

1180 Há um oráculo terrível, estrangeiro...

MENSAGEIRO

Podes expô-lo, ou é defeso a um estranho?

ÉDIPO

Vais conhecê-lo: disse Apolo que eu teria
de unir-me à minha própria mãe e derramar
com estas minhas mãos o sangue de meu pai.

1185 Eis a razão por que há numerosos anos
vivo afastado de Corinto, embora saiba
que é doce ao filho o reencontro com seus pais.

MENSAGEIRO

Deve-se o teu exílio, então, a tais receios?

ÉDIPO

Eu não queria assassinar meu velho pai.

MENSAGEIRO

1190 Por que inda não te livreis desses temores,

senhor, se vim movido por bons sentimentos?

ÉDIPO

Se for assim terás de mim o justo prêmio.

MENSAGEIRO

Estou aqui, sem dúvida, com a intenção
de beneficiar-me quando regressares...

ÉDIPO

1195 Não voltarei a aproximar-me de meus pais!

MENSAGEIRO

Não sabes o que fazes, filho; bem se vê...

ÉDIPO

Como, ancião? Desfaze minhas muitas dúvidas!

MENSAGEIRO

...se essas razões inda te afastam de Corinto.

ÉDIPO

Temo que Febo se revele um deus exato.

MENSAGEIRO

1200 Inda receias a união com tua mãe?

ÉDIPO

Exatamente, ancião; eis meu temor de sempre.

MENSAGEIRO

Sabes que nada justifica os teus receios?

ÉDIPO

Mas, como não temer se nasci deles dois?

MENSAGEIRO

Pois ouve bem: não é de Pôlibo o teu sangue!

ÉDIPO

1205 Que dizes? Pôlibo não é então meu pai?

MENSAGEIRO

Tanto quanto o homem que te fala, e nada mais.

ÉDIPO

Nada és para mim e és igual ao meu pai?

MENSAGEIRO

Ele não te gerou, e muito menos eu.

ÉDIPO

Por que, então, ele chamava-me de filho?

MENSAGEIRO

1210 O rei te recebeu, senhor, recém-nascido
— escuta bem —, de minhas mãos como um presente.

ÉDIPO

E ele me amava tanto, a mim, que lhe viera de mãos estranhas? É plausível esse afeto?

MENSAGEIRO

Levou-o a isso o fato de não ter um filho.

ÉDIPO

1215 E antes de dar-me a ele havias-me comprado, ou por acaso me encontraste abandonado?

MENSAGEIRO

Achei-te lá no Citéron, num vale escuro.

ÉDIPO

Por que motivos percorrias tais lugares?

MENSAGEIRO

Levava meu rebanho ao pasto, nas montanhas.

ÉDIPO

1220 Eras pastor, então, a soldo de um senhor?

MENSAGEIRO

Era, mas te salvei naquele tempo, filho.

ÉDIPO

E como estava eu quando me descobriste?

MENSAGEIRO

Lembro-me bem de teu estado deplorável;
teus tornozelos inda testemunham isso.

ÉDIPO

1225 Fazes-me recordar antigas desventuras!...

MENSAGEIRO

Desamarrei teus tornozelos traspassados...

ÉDIPO

Segue-me esse defeito horrível desde a infância.

MENSAGEIRO

Teu próprio nome te relembra esse infortúnio.

ÉDIPO

Sabes se o devo à minha mãe ou ao meu pai?

MENSAGEIRO

1230 Não sei. Quem te entregou a mim deve saber.

ÉDIPO

Não me encontraste então tu mesmo, forasteiro?

MENSAGEIRO

Não, meu senhor; trouxe-te a mim outro pastor.

ÉDIPO

Quem era ele? Podes identificá-lo?

MENSAGEIRO

Ele era tido como servidor de Laio.

ÉDIPO

1235 Do antigo rei deste país, queres dizer?

MENSAGEIRO

Exato; era pastor do rei que mencionaste.

ÉDIPO

Esse pastor inda está vivo? Posso vê-lo?

MENSAGEIRO

Dirigindo-se aos anciãos do CORO.

Sois do país. Deveis saber melhor que eu.

ÉDIPO

Dirigindo-se aos mesmos.

Algun de vós sabe quem é esse pastor?

1240 Algun de vós o viu no campo ou na cidade?

Quem sabe? Eis o momento de aclarar-se tudo.

CORIFEU

Trata-se justamente – creio – do pastor
que há pouco desejavas ver; Jocasta pode
esclarecer como ninguém essa questão.

ÉDIPO

Dirigindo-se a JOCASTA, que acompanhava o diálogo com visível agitação.

1245 Pensas, mulher, que o homem que mandei buscar
há pouco é o mencionado pelo forasteiro?

JOCASTA

Agitada.

A quem aludes? Como? Não penses mais nisto!...
Afasta da memória essas palavras fúteis.

ÉDIPO

Seria inadmissível que, com tais indícios,
1250 eu não trouxesse à luz agora a minha origem.

JOCASTA

Peço-te pelos deuses! Se inda te interessas
por tua vida, livra-te dessas ideias!

À parte.

Já é demasiada a minha própria angústia!

ÉDIPO

Mesmo se for provado que sou descendente
1255 de tripla geração de escravos, nem por isso,
mulher, irás sofrer qualquer humilhação.

JOCASTA

Nada me importa! Escuta-me! Por favor: para!

ÉDIPO

Malgrado teu, decifrarei esse mistério.

JOCASTA

Move-me apenas, Édipo, teu interesse,
1260 e dou-te o mais conveniente dos conselhos!

ÉDIPO

Admito, mas esse conselho me desgosta.

JOCASTA

Ah! Infeliz! Nunca, jamais saibas quem és!

ÉDIPO

Ninguém trará até aqui esse pastor?

*Um escravo sai correndo para procurar o pastor. ÉDIPO dirige-se
ao MENSAGEIRO e aos anciãos do CORO.*

Não vos preocupeis com a senhora; orgulha-se
1265 de seus antepassados nobres e opulentos.

JOCASTA

Ai de mim! Ai de mim! Infeliz! Eis o nome
que hoje mereces! Nunca mais ouvirás outro!

JOCASTA retira-se precipitadamente em direção ao palácio.

CORIFEU

Por que tua mulher se retirou, senhor,
arreatada por um desespero insano?

1270 Não seja seu silêncio aceno de desgraças!

ÉDIPO

Irrompa o que tiver de vir, mas minha origem,
humilde como for, insisto em conhecê-la!

Ela, vaidosa como são sempre as mulheres,
talvez tenha vergonha de minha ascendência

1275 obscura, mas eu sinto orgulho de ser filho
da Sorte benfazeja e isso não me ofende.

Eis minha mãe; nesta existência já provei
o anonimato e agora vivo em culminâncias.

Eis minha origem, nada poderá mudá-la.

1280 Não há razões para deixar de esclarecê-la.

3º ESTÁSIMO

CORO

Se minha inspiração é verdadeira
e tenho a mente alerta neste instante,
não, Citéron, não, pelo Olimpo santo,
não deixarás de ver no plenilúnio
1285 nossa homenagem por haveres sido
o abrigo e o sustento do rei Édipo
entregue aos teus cuidados maternais.
Iremos festejar-te e dançaremos
no chão que alimentou nosso senhor.
1290 Sê-nos propício, Febo protetor!
Quem te gerou, meu filho, e te criou
entre as donzelas de anos incontáveis,
após haver-se unido a Pan, teu pai,
errante nas montanhas, ou depois
1295 de um amoroso amplexo de Loxias?
Ele ama todas as planuras rústicas.
Hermes também, que reina no Cilenio
onde o divino Baco é morador
nos altos montes, te acolheu um dia,
1300 rebento de uma ninfa do Helicon,

seu entretenimento preferido.

Vê-se à distância, aproximando-se, o velho PASTOR de Laio, entre serviçais de ÉDIPO.

4º ESTÁSIMO

ÉDIPO

Se é lícito conjecturar, anciãos tebanos,
sobre um mortal que vejo pela vez primeira,
eis o pastor cuja presença desejávamos.

1305 Sua velhice extrema o assemelha muito
a este mensageiro. Além de outros indícios,
creio reconhecer em seus acompanhantes
os serviçais que a mando meu foram buscá-lo.

Dirigindo-se ao CORIFEU.

Mas tu, que anteriormente viste este pastor,
1310 por certo tens opinião melhor a dar.

CORIFEU

Posso reconhecê-lo, se queres saber;
ele servia a Laio e lhe era mais fiel,
como pastor, que todos os demais campônios.

ÉDIPO

Dize-me agora, forasteiro de Corinto:

1315 é este mesmo o homem de quem nos falaste?

MENSAGEIRO

É ele; aqui o tens diante de teus olhos.

ÉDIPO

Dirigindo-se ao pastor recém-chegado.

Olha-me bem, ancião; responde a umas perguntas
que te farei: serviste antigamente a Laio?

PASTOR

Eu era seu escravo; ele não me comprou;
1320 desde pequeno fui criado em casa dele.

ÉDIPO

Como vivias? Que fazias para Laio?

PASTOR

Segui durante toda a vida seus rebanhos.

ÉDIPO

Em que lugares demoravas por mais tempo?

PASTOR

No Citéron, às vezes; outras vezes, perto.

ÉDIPO

Indicando o MENSAGEIRO.

1325 Podes dizer se te recordas deste homem?

PASTOR

Qual era o seu ofício? Mostra-me o tal homem.

ÉDIPO

É este aqui. Já o encontraste alguma vez?

PASTOR

Não posso responder de súbito... Não lembro...

MENSAGEIRO

Não é surpreendente a sua hesitação;

1330 ele esqueceu, mas vou reavivar depressa

sua memória. É certo que nos conhecemos

no monte Citéron; seu rebanho era duplo,

o meu era um só e éramos vizinhos;

durou três anos essa nossa convivência

1335 da primavera até o outono. Vindo o inverno

eu regressava com o rebanho aos meus estábulos

e ele trazia as muitas reses do rei Laio

aos seus currais. Não era assim? Agora lembras?

PASTOR

É bem verdade, mas passaram tantos anos...

MENSAGEIRO

1340 Vamos adiante. Lembras-te de que me deste
uma criança um dia para eu tratar
como se fosse um filho meu? Ou esqueceste?

PASTOR

Não ouvi bem. Qual a razão dessa pergunta?

MENSAGEIRO

Indicando ÉDIPO.

Aqui está a frágil criancinha, amigo.

PASTOR

1345 Queres a tua perdição? Não calarás?

ÉDIPO

Não deves irritar-te, ancião; tuas palavras,
não as deste estrangeiro, podem agastar-nos.

PASTOR

Que falta cometi, meu amo generoso?

ÉDIPO

Não respondeste à indagação sobre a criança.

PASTOR

1350 Esse homem fala sem saber; perde seu tempo.

ÉDIPO

Preferes responder por bem ou constrangido?

PASTOR

Não deves maltratar um velho! Tem piedade!

ÉDIPO

Não vamos amarrar-lhe logo as mãos às costas?

PASTOR

Sou mesmo um desgraçado! Qual a tua dúvida?

ÉDIPO

1355 Levaste-lhe a criança a que ele se refere?

PASTOR

Levei. Ah! Por que não morri naquele dia?

ÉDIPO

É o que te espera agora se silenciares.

PASTOR

Será pior ainda se eu falar, senhor!

ÉDIPO

Estás emaranhando-te em rodeios vãos.

PASTOR

1360 Não, meu senhor! Entreguei-lhe o recém-nascido.

ÉDIPO

De quem o recebeste? Ele era teu, ou de outrem?

PASTOR

Não era meu; recebi-o das mãos de alguém...

ÉDIPO

Das mãos de gente desta terra? De que casa?

PASTOR

Não, pelos deuses, rei! Não me interrogues mais!

ÉDIPO

1365 Serás um homem morto se não responderes!

PASTOR

Ele nascera... no palácio do rei Laio!

ÉDIPO

Simples escravo, ou então... filho do próprio rei?

PASTOR

Quanta tristeza! É doloroso de falar!

ÉDIPO

Mais doloroso de escutar, mas não te negues.

PASTOR

1370 Seria filho dele, mas tua mulher

que deve estar lá dentro sabe muito bem
a origem da criança e pode esclarecer-nos.

ÉDIPO

Foi ela mesma a portadora da criança?

PASTOR

Sim, meu senhor; foi Jocasta, com as próprias mãos.

ÉDIPO

1375 Por que teria ela agido desse modo?

PASTOR

Mandou-me exterminar a tenra criancinha.

ÉDIPO

Sendo ela a própria mãe? Não te parece incrível?

PASTOR

Tinha receios de uns oráculos funestos.

ÉDIPO

E quais seriam os oráculos? Tu sabes?

PASTOR

1380 Diziam que o menino mataria o pai.

ÉDIPO

Indicando o MENSAGEIRO.

Por que deste o recém-nascido a este ancião?

PASTOR

Por piedade, meu senhor; pensei, então,
que ele o conduziria a um lugar distante
de onde era originário; para nosso mal
1385 ele salvou-lhe a vida. Se és quem ele diz,
julgo-te o mais infortunado dos mortais!

ÉDIPO

Transtornado.

Ai de mim! Ai de mim! As dúvidas desfazem-se!
Ah! Luz do sol. Queiram os deuses que esta seja
a derradeira vez que te contemplo! Hoje
1390 tornou-se claro a todos que eu não poderia
nascer de quem nasci, nem viver com quem vivo
e, mais ainda, assassinei quem não devia!

ÉDIPO sai correndo em direção ao palácio. O MENSAGEIRO sai por um lado, o PASTOR por outro.

4º ESTÁSIMO

CORO

Lento e triste.

Vossa existência, frágeis mortais,
é aos meus olhos menos que nada.

1395 Felicidade só conheceis

imaginada; vossa ilusão

logo é seguida pela desdita.

Com teu destino por paradigma,

desventurado, mísero Édipo,

1400 julgo impossível que nesta vida

qualquer dos homens seja feliz!

Ele atirava flechas mais longe

que os outros homens e conquistou

(assim pensava, Zeus poderoso)

1405 incomparável felicidade.

Fez mais ainda, pois conseguiu

matar a virgem misteriosa

de garras curvas e enigmas bárbaros.

Quando ele veio de longes terras

1410 sua presença foi para nós

aqui em Tebas um baluarte;
graças a ele sobrevivemos.
Desde esse tempo, Édipo heroico,
nós te chamamos de nosso rei

1415 e nos curvamos diante de ti,
senhor supremo da grande Tebas.

E existe hoje qualquer mortal
cuja desdita seja maior?

Quem foi ferido por um flagelo
1420 e um sofrimento mais violentos?
Quem teve a vida tão transtornada?

Édipo ilustre, muito querido!

Tu és o filho que atravessou
a mesma porta por onde antes

1425 teu pai entrara; nela te abrigas
num matrimônio jamais pensado!

Como puderam, rei meu senhor,
as sementeiras do rei teu pai
dar-te acolhida, silenciosas,

1430 por tanto tempo? Como, infeliz?

O tempo eterno, que tudo vê,
mostrou um dia, malgrado teu,
as tuas núpcias abomináveis
que já duravam de longa data

1435 e te fizeram pai com a mulher
de quem és filho, com tua mãe!
Filho de Laio: prouvera aos céus
que estes meus olhos nunca, jamais
te houvessem visto! Ah! Por que viram?

1440 Gemo e soluço. Dos lábios meus
só saem gritos, gritos de dor!
E todavia graças a ti
foi-nos possível cerrar os olhos
aliviados e respirar

1445 tranquilamente por muito tempo.

*Entra um CRIADO vindo do palácio, com uma expressão de
assombro.*

ÊXODO, Cena 1

CRIADO

Varões ilustres desta terra, sempre honrados,
que fatos ouvireis, que dores sentireis,
que luto vos aguarda como cidadãos
inda fiéis à gente e à casa dos labdácidas!

1450 Nem mesmo as águas do Istros e do Fásis juntas
agora purificariam esta casa,
tão grandes são os males que ela hoje encobre!
Logo ela vai expor à luz outras desgraças,
conscientes desta vez, e não involuntárias;
1455 os sofrimentos são inda maiores quando
autor e vítima são uma só pessoa.

CORIFEU

Gemíamos sentidamente pelos fatos
já conhecidos; vais contar-nos novos males?

CRIADO

Direi depressa e ouvireis também depressa:

1460 Jocasta não existe mais, nossa rainha!

CORIFEU

Ah! Infeliz Jocasta! E como foi a morte?

CRIADO

Com as próprias mãos ela deu fim à existência.

Talvez fosse melhor poupar-vos dos detalhes
mais dolorosos, pois os fatos lastimáveis

1465 não se desenrolaram em vossa presença.

Contudo sabereis o que sofreu Jocasta,
até onde eu puder forçar minha memória.

Quando a infeliz transpôs a porta do seu quarto
lançou-se como louca ao leito nupcial;

1470 com as duas mãos ela arrancava seus cabelos.

Depois fechou as portas violentamente,
chamando aos gritos Laio há tanto tempo morto,
gritando pelo filho que trouxera ao mundo
para matar o pai e que a destinaria

1475 a ser a mãe de filhos de seu próprio filho,

se merecessem esse nome. Lamentava-se
no leito mesmo onde ela havia dado à luz
– dizia a infeliz – em dupla geração

aquele esposo tido de seu próprio esposo

1480 e os outros filhos tidos de seu próprio filho!

Como em seguida ela morreu, não sei contar.

Aos gritos Édipo correu, mas também ele
não pôde presenciar a morte da rainha.

Os nossos olhos não se despregavam dele
1485 correndo como um louco em todos os sentidos,
pedindo em altos brados que um de nós lhe desse
logo um punhal, gritando-nos que lhe disséssemos
onde se achava sua esposa (esposa não,
mas a mulher de cujo seio maternal
1490 saíram ele próprio e todos os seus filhos).
Em seu furor não sei que deus fê-lo encontrá-la
(não foi nenhum de nós que estávamos por perto).
Então, depois de dar um grito horripilante,
como se alguém o conduzisse ele atirou-se
1495 de encontro à dupla porta: fez girar os gonzos,
e se precipitou no interior da alcova.
Pudemos ver, pendente de uma corda, a esposa;
o laço retorcido ainda a estrangulava.
Ao contemplar o quadro, entre urros horrorosos
1500 o desditoso rei desfez depressa o laço
que a suspendia; a infeliz caiu por terra.
Vimos, então, coisas terríveis. De repente
o rei tirou das roupas dela uns broches de ouro
que as adornavam, segurou-os firmemente
1505 e sem vacilação furou os próprios olhos,
gritando que eles não seriam testemunhas
nem de seus infortúnios nem de seus pecados:

“nas sombras em que viverei de agora em diante”,
dizia ele, “já não reconhecereis

1510 aqueles que não quero mais reconhecer!”

Vociferando alucinado, ainda erguia
as pálpebras e desferia novos golpes.

O sangue que descia em jatos de seus olhos
molhava toda a sua face, até a barba;

1515 não eram simples gotas, mas uma torrente,
sanguinolenta chuva em jorros incessantes.

São ele e ela os causadores desses males,
e os infortúnios do marido e da mulher
estão inseparavelmente entrelaçados.

1520 Ambos provaram antes a felicidade,
herança antiga; hoje lhes restam só gemidos,
vergonha, maldição e morte, ou, em resumo,
todos os males, todos, sem faltar um só!

CORIFEU

E agora o desditoso rei está mais calmo?

CRIADO

1525 Ele esbraveja e manda que abram o palácio
e mostrem aos tebanos logo o parricida,
o filho cuja mãe... não posso repetir
suas sacrílegas palavras; ele fala

em exilar-se e afirma que não ficará
1530 neste palácio, vítima das maldições
por ele mesmo proferidas. Deveremos
levar-lhe apoio, dar-lhe um guia, pois seu mal
é muito grande para que ele o sofra só.
Logo ele vai aparecer. As portas abrem-se.
1535 Vereis um espetáculo que excitaria
piedade até num inimigo sem entranhas!

Aparece ÉDIPO, com os olhos perfurados, vindo do palácio.

ÊXODO, Cena 2

CORIFEU

Ah! Sofrimento horrível para os olhos,
o mais horrível de todos que vi!
Ah! Que loucura, infortunado Édipo,
1540 tombou neste momento sobre ti?
Que divindade consumou agora
teu trágico destino inelutável,
prostrando-te com males que ultrapassam
a intensidade máxima da dor?
1545 Ah! Como és infeliz! Faltam-me forças
para encarar-te, e eu desejava tanto
fazer indagações, ouvir-te, olhar-te;

é muito forte a sensação de horror
que teu aspecto lastimável causa!

ÉDIPO

1550 Ai de mim! Como sou infeliz!
Aonde vou? Aonde vou? Em que ares
minha voz se ouvirá? Ah! Destino!...
Em que negros abismos me lanças?

CORIFEU

Num turbilhão de imensa dor, insuportável
1555 até na descrição, até à simples vista!

ÉDIPO

Nuvem negra de trevas, odiosa,
que tombaste do céu sobre mim,
indizível, irremediável,
que não posso, não posso evitar!
1560 Infeliz! Infeliz outra vez!
Com que ponta aguçada me ferem
o aguilhão deste meu sofrimento
e a lembrança de minhas desgraças?

CORIFEU

É natural que se teus males crescem tanto
1565 os teus gemidos também sejam redobrados,

pois pesam-te nos ombros redobradas penas.

ÉDIPO

Ah! Amigo! És o único amigo
que me resta, pois inda te ocupas
deste cego em que me transformei.

1570 Ai de mim! Sei que estás muito perto;
 mergulhado na noite eu ainda
 reconheço-te a voz, companheiro!

CORIFEU

Terríveis atos praticaste! Como ousaste
cegar teus próprios olhos? Qual das divindades

1575 deu-te coragem para ir a tais extremos?

ÉDIPO

Foi Apolo! Foi sim, meu amigo!
Foi Apolo o autor de meus males,
de meus males terríveis; foi ele!
Mas fui eu quem vazou os meus olhos.

1580 Mais ninguém. Fui eu mesmo, o infeliz!
 Para que serviriam meus olhos
 quando nada me resta de bom
 para ver? Para que serviriam?

CORO

Nada dizes além da verdade.

ÉDIPO

1585 Que haveria de olhar ou amar?
Que palavras ainda ouviria
com prazer, meus amigos? Nenhuma!
Só me resta pedir-vos: levai-me
para longe daqui sem demora.

1590 Eu vos peço: levai, meus amigos,
o maldito, motivo de horror,
odiado por deuses e homens!

CORIFEU

Quantos motivos tens para lamentações!
São grandes os teus males e inda sofres mais
1595 por teres a noção de sua enormidade.
Ah! Se eu jamais te houvesse conhecido, Édipo!

ÉDIPO

Por que vive esse homem que outrora
num recanto deserto livrou
os meus pés das amarras atrozes
1600 e salvou-me da morte somente
para ser infeliz como sou?
Se eu tivesse morrido mais cedo
não seria o motivo odioso

de aflição para meus companheiros
1605 e também para mim nesta hora!

CORIFEU

Essa é também a minha opinião sincera.

ÉDIPO

E jamais eu seria assassino
de meu pai e não desposaria
a mulher que me pôs neste mundo.
1610 Mas os deuses desprezam-me agora
por ser filho de seres impuros
e porque fecundei – miserável! –
as entranhas de onde saí!
Se há desgraça pior que a desgraça,
1615 ela veio atingir-me, a mim, Édipo!

CORIFEU

Não sei como justificar tua atitude.
Talvez fosse melhor morrer que viver cego.

ÉDIPO

Não tentes demonstrar que eu poderia agir
talvez de outra maneira, com maior acerto.
1620 Não quero teus conselhos. Como encararia
meu pai no outro mundo, ou minha mãe, infeliz,

depois de contra ambos perpetrar tais crimes
que nem se me enforcassem eu os pagaria?

Teria eu algum prazer vendo o semblante

1625 dos pobres filhos meus, nascidos como foram?

Não, certamente já não poderia vê-los,
nem a minha cidade, nem seus baluartes,
nem as imagens sacrossantas de seus deuses,
eu, o mais infeliz entre os desventurados!

1630 Após haver vivido em Tebas a existência
mais gloriosa e bela eu mesmo me proibi
de continuar a usufruí-la ao ordenar
que todos repelisses o maldito ser,
impuro para os deuses, da raça de Laio.

1635 Depois de ter conhecimento dessa mácula
que pesa sobre mim, eu poderia ver
meu povo sem baixar os olhos? Não! E mais:
se houvesse ainda um meio de impedir os sons
de me chegarem aos ouvidos eu teria

1640 privado meu sofrido corpo da audição
a fim de nada mais ouvir e nada ver,
pois é um alívio ter o espírito insensível
à causa de tão grandes males, meus amigos.

Pausa.

Ah! Citéron! Por que tu me acolheste um dia?

1645 Por que não me mataste? Assim eu não teria
jamais mostrado aos homens todos quem eu sou!

Ah! Pôlibo e Corinto! Ah! Palácio antigo
que já chamei de casa de meus pais! Que nódoas
maculam hoje aquele que vos parecia

1650 outrora bom e tantos males ocultava!...

Pois hoje sou um criminoso, um ser gerado
por criminosos como todos podem ver.

Ah! Tripla encruzilhada, vales sombreados,
florestas de carvalhos, ásperos caminhos,

1655 vós que bebestes o meu sangue, derramado
por minhas próprias mãos – o sangue de meu pai –,
ainda tendes a lembrança desses crimes
com que vos conspurquei? Pois outros cometi
depois. Ah! Himeneu! Deste-me a existência

1660 e como se isso não bastasse inda fizeste
a mesma sementeira germinar de novo!
Mostraste ao mundo um pai irmão dos próprios filhos,
filhos-irmãos do próprio pai, esposa e mãe
de um mesmo homem, as torpezas mais terríveis

1665 que alguém consiga imaginar. Mostraste-as todas!

Pausa.

Mas vamos logo, pois não se deve falar
no que é indecoroso de fazer. Levai-me!
Depressa, amigos! Ocultai-me sem demora
longe daqui, bem longe, não importa onde;
1670 matai-me ou atirai-me ao mar em um lugar
onde jamais seja possível encontrar-me!
Aproximai-vos e não tenhais nojo, amigos,
de pôr as vossas mãos em mim, um miserável.
Crede-me! Nada receeis! Meu infortúnio
1675 é tanto que somente eu, e mais ninguém,
serei capaz de suportá-lo nesta vida!

Entra CREONTE.

ÊXODO, Cena 3

CORIFEU

Para atender ao teu pedido e aconselhar-te
chega Creonte em boa hora; ele tornou-se
o único guardião de Tebas, sucedendo-te.

ÉDIPO

1680 Que poderia eu dizer-lhe e esperar dele?
Antes fui por demais injusto com Creonte.

CREONTE

Não vim até aqui para insultar-te, Édipo,
nem para censurar teus erros no passado.

Mas vós, homens de Tebas, se não respeitais

1685 as gerações dos homens, reverenciai
ao menos esta luz do sol, nutriz de tudo.

Sede mais recatados; não queirais mostrar
assim sem véus este ente impuro, tão impuro
que nem a terra, nem a chuva abençoada,

1690 nem mesmo a luz agora poderão tocar.

Levai-o logo até o palácio; é sobretudo
aos consanguíneos, só a eles, que as desditas
de seus parentes, tanto vistas como ouvidas,
inspiram piedade. Não deveis tardar!

ÉDIPO

1695 Escuta-me, Creonte, pelos deuses peço-te,
a ti, que, contrariando a minha expectativa,
te mostras bom para com este criminoso
pior que todos: é no teu próprio interesse,
e não no meu, que antes de ir quero falar.

CREONTE

1700 E que pretendes conseguir de mim ainda?

ÉDIPO

Lança-me fora desta terra bem depressa,

em um lugar onde jamais me seja dado
falar a ser humano algum e ser ouvido.

CREONTE

Eu já teria satisfeito o teu desejo
1705 se não quisesse antes indagar do deus
qual deve ser minha conduta nesta hora.

ÉDIPO

Mas o divino mandamento é conhecido:
mate-se o parricida, mate-se o impuro!

CREONTE

Sim, isso já foi dito, mas nesta emergência
1710 convém saber exatamente o que fazer.

ÉDIPO

Consultarás então o oráculo a propósito
de um miserável como eu? Será preciso?

CREONTE

E desta vez crerás em suas predições.

ÉDIPO

Suplico-te além disso que tu mesmo cuides
1715 de um funeral conveniente à infeliz
inda insepulta no palácio; cumprirás

apenas um dever, pois ela tem teu sangue.
Jamais permitas, quanto a mim, que eu inda habite
a terra de meus ancestrais; deixa-me antes

1720 viver lá nas montanhas, lá no Citéron,
a pátria triste que meus pais me destinaram
para imutável túmulo quando nasci;
assim eu morrerei onde eles desejaram.

Há uma coisa, aliás, que tenho como certa:

1725 não chegarei ao fim da vida por doença
nem males semelhantes, pois se me salvei
da morte foi para desgraças horrorosas.

Mas siga então seu curso meu destino trágico,
qualquer que seja ele. Quanto aos filhos meus

1730 varões, não devem preocupar-te, pois são homens;
onde estiverem não carecerão jamais
de nada para subsistir; mas minhas filhas
tão infelizes, dignas de tanta piedade,
que partilharam de minha abundante mesa,

1735 e cujas mãos eu dirigi aos pratos próprios,
zela por elas, peço-te por tudo, e deixa-me
tocá-las uma vez ainda com estas mãos
e deplorar a sua desventura enorme!

Atende-me, Creonte, rei de raça nobre!

1740 Sentindo-as pelo toque destas minhas mãos,

creria que inda as tenho como quando as via.

Ouve-se o choro de crianças nas proximidades.

Que ouço, deuses? Devem ser as minhas filhas,
as minhas duas filhas muito amadas, perto,
chorando! Foi Creonte que se condoeu

1745 e mandou virem as crianças? É verdade?

CREONTE

Foi, sim. Mandeí trazê-las. Eu sabia, Édipo,
que a ânsia de revê-las te invadia a alma.

Entram ANTÍGONA e ISMENE, ainda crianças, trazidas por uma criada.

ÉDIPO

Sejas feliz por as deixares vir, Creonte!

Protejam-te os augustos deuses mais que a mim!

1750 Minhas crianças, onde estais? Vinde até mim!

Vinde até minhas mãos... fraternas. Foram elas
– estas mãos – que privaram meus olhos da luz,
olhos outrora brilhantes de vosso pai!

Eu nada via então, desconhecia tudo,

1755 minhas pobres crianças, e vos engendrei
no ventre de onde eu mesmo antes saíra! Choro!
Choro por vós, pois já não posso contemplar-vos,

pensando nas inumeráveis amarguras
que ides suportar ao longo desta vida.

- 1760 A que assembleias dos tebanos, a que festas
ireis sem regressar ao lar antes da hora,
chorando lágrimas sem conta? E quando houverdes
chegado à idade florescente do himeneu,
quem, minhas filhas, quem terá a ousadia
1765 de carregar convosco todas as torpezas
que serão sempre a maldição de minha raça
e da que nascerá de vós? Que falta agora
à vossa desventura? Vosso pai matou
seu próprio pai e desposou a própria mãe,
1770 de quem ele nasceu, e vos gerou depois
nas entranhas onde há mais tempo foi gerado!
Eis as injúrias que sempre tereis de ouvir!
E quem vos há de desposar? Quem, minhas filhas?
Ninguém! Ninguém, crianças, e definhareis
1775 estéreis e na solidão! E tu, Creonte,
que agora és pai – apenas tu – destas crianças,
pois a mãe delas e eu nada mais somos, ouve:
não abandones estas criaturas frágeis,
do mesmo sangue teu, à sua própria sorte!
1780 Esperam-nas sem ti a fome e a mendicância.
Não lhes imponhas uma vida igual à minha.

Tem piedade delas, vendo-as, nesta idade,
privadas de qualquer apoio, salvo o teu:
faze um sinal de assentimento, homem bom!

1785 Sê generoso! Toca-me com tua mão!

CREONTE atende ao pedido de ÉDIPO.

E vós, minhas crianças, se já possuísseis
entendimento eu vos daria um só conselho:
apenas desejai, onde estiverdes, filhas,
viver uma existência mais feliz que a minha!

CREONTE

1790 Já choraste demais. Volta agora ao palácio, infeliz.

ÉDIPO

Tuas ordens são desagradáveis, mas devo segui-las.

CREONTE

Ages bem. Tudo é bom quando é feito na hora oportuna.

ÉDIPO

Por acaso já sabes em que condições eu irei?

CREONTE

Só depois de tu mesmo as dizes poderei sabê-las.

ÉDIPO

1795 Deverás afastar-me de Tebas, Creonte, exilando-me.

CREONTE

Só o deus poderá decidir quanto ao teu banimento.

ÉDIPO

Mas os deuses me odeiam!

CREONTE

Talvez ouvirão teu pedido.

ÉDIPO

És sincero, Creonte?

CREONTE

1800 Só falo depois de pensar.

ÉDIPO

Então leva-me!

CREONTE

Vamos depressa! Libera as crianças.

ÉDIPO

Não as tires de mim, por favor!

CREONTE

Não pretendas mandar.

1805 Teu poder de outros tempos agora deixou de existir.

ÉDIPO, conduzido por CREONTE, encaminha-se lentamente para o palácio, seguido a certa distância pelas filhas e pela criada.

CORIFEU

Vede bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos!

Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos;

ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes
em seus dias passados de prosperidade invulgar.

1810 Em que abismos de imensa desdita ele agora caiu!
Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos
não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade
antes de ele cruzar as fronteiras da vida inconstante
sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!

FIM

CLÁSSICOS ZAHAR

em EDIÇÃO BOLSO DE LUXO

A Bela e a Fera*

Madame de Beaumont, Madame de Villeneuve

Alice

Lewis Carroll

Sherlock Holmes (9 vols.)

Arthur Conan Doyle

As aventuras de Robin Hood

O conde de Monte Cristo

Os três mosqueteiros

Alexandre Dumas

O corcunda de Notre Dame

Victor Hugo

O ladrão de casaca*

Arsène Lupin contra Herlock Sholmes*

Maurice Leblanc

Contos de fadas

Perrault, Grimm, Andersen & outros

Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda

Howard Pyle

Os Maias

Eça de Queirós

O pequeno príncipe*

Antoine de Saint-Exupéry

Títulos disponíveis também em edição comentada e ilustrada (exceto os indicados por asterisco)

* Veja a lista completa da coleção no site zahar.com.br/classicoszahar

Copyright da tradução © Mário da Gama Kury

Tradução originalmente publicada em 1990

Copyright desta edição © 2018:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Capa: Rafael Nobre

Produção do arquivo ePub: Booknando Livros

Edição digital: março de 2018

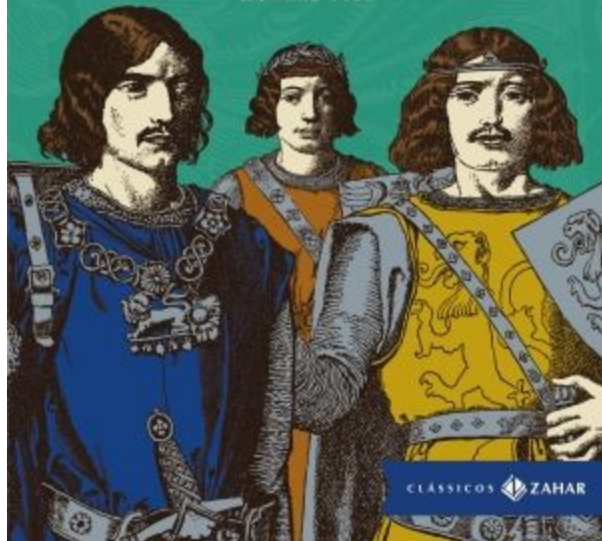
ISBN: 978-85-378-1754-4

— TRÊS GRANDES —
**CAVALEIROS DA
TÁVOLA REDONDA**

LANCELOT, TRISTÃO E PERCIVAL

Edição comentada e ilustrada

HOWARD PYLE



CLÁSSICOS  ZAHAR

Três grandes cavaleiros da Távola Redonda: edição comentada e ilustrada

Pyle, Howard

9788537817506

352 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um livro para todas as gerações e um prazer especial para quem retorna à corte de Arthur. Nesse livro somos apresentados às aventuras de três grandes cavaleiros da Távola Redonda: os ilustres Sir Lancelot, Sir Tristão e Sir Percival. São algumas das histórias mais impactantes e duradouras no vasto universo das lendas arturianas. O formidável episódio de Lancelot emergindo do lago e os feitos que o levaram a ser o mais glorioso cavaleiro da corte do Rei Arthur; as peripécias de Tristão e sua bonita e infeliz história de amor com Isolda, a Bela; o caso de Percival e Lady Yvette, e o que ele viveu no castelo de Beaurepaire. Tudo isso e muito mais é recontado e ilustrado por Howard Pyle, no tom e no espírito dos romances de cavalaria antigos. Essa edição inclui apresentação de Lênia Márcia Mongelli, professora titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da USP, que contextualiza o universo arturiano, destacando os personagens centrais do livro. E mais de 150 notas e todas as 40 ilustrações de Pyle para a obra. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)

TRAGÉDIA GREGA

VOLUME I

A TRILOGIA TEBANA

ÉDIPO REI • ÉDIPO EM COLONO • ANTÍGONA

SÓFOCLES

Tradução do grego e apresentação: Mário da Gama Kury



ZAHAR

A Trilogia Tebana

Sófocles

9788537802175

262 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aurora do teatro moderno, a tragédia grega, profundamente ligada a cultos e tradições, é também um reflexo da vida pública do período clássico. Numa época em que o conservadorismo religioso se misturava a idéias inovadoras, o teatro só podia refletir tais ambigüidades e tensões. Verdadeira antologia das principais obras que nos ficaram de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, os volumes de A Tragédia Grega são traduzidos diretamente do original pelo eminente helenista Mário da Gama Kury. "A trilogia tebana" traz ao público três peças do autor grego que compôs mais de 100 dramas, dos quais apenas sete tragédias completas chegaram até o nosso tempo. Depois de quase dois milênios e meio, "A trilogia tebana" é considerada uma das mais belas e importantes obras da cultura universal. Todo o teatro que se fez até hoje no Ocidente tem suas raízes mais profundas na obra de Sófocles, que inovou a tragédia grega ao deslocar o motivo das ações para a vontade humana e não mais para as maquinações divinas.

[Compre agora e leia](#)

TRAGÉDIA GREGA

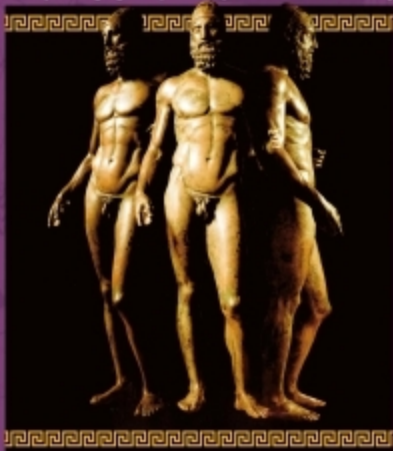
VOLUME II

ORÉSTIA

AGAMÊMNON • COÉFORAS • EUMÊNIDES

ÉSQUILO

Tradução do grego e apresentação: Mário da Gama Kury



 ZAHAR

Oréstia

Ésquilo

9788537806463

197 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aurora do teatro moderno, a tragédia grega, profundamente ligada a cultos e tradições, é também um reflexo da vida pública do período clássico. Numa época em que o conservadorismo religioso se misturava a idéias inovadoras, o teatro só podia refletir tais ambigüidades e tensões. Verdadeira antologia das principais obras que nos ficaram de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, os volumes de A Tragédia Grega são traduzidos diretamente do original pelo eminente helenista Mário da Gama Kury. Neste segundo volume da série, é apresentada a edição conjunta das três peças que formam a trilogia "Oréstia", do filósofo Ésquilo. As notas e a introdução do tradutor fornecem argumentos e antecedentes de cada peça, dando ao leitor o embasamento necessário para leitura do volume. "Agamêmnon" baseia-se na volta vitoriosa do herói à Argos, após ter vencido a guerra de Tróia e vingado a honra de seu irmão Menelau, marido de Helena, que havia fugido com Páris. A esposa de Agamêmnon, Clítemnestra, por sua vez, também o trai, e arquiteta o assassinato do marido com o amante. Em "Coéforas", Orestes e Electra, filhos de Agamêmnon, vingam sua morte, matando a mãe e seu amante. A ira de Clítemnestra é materializada nas Fúrias, vistas somente por Orestes, são as responsáveis por sua loucura em "Eumênides". Ainda na

última peça, Orestes é julgado pelo seu crime pela Deusa Atenas que proclama que o tribunal - o primeiro a julgar um crime de homicídio - fica instituído para sempre.

[Compre agora e leia](#)

Martin
Esslin

Edição
revista e
ampliada

O TEATRO DO ABSURDO



BECKETT
IONESCO
PINTER
GENET
e outros

 ZAHAR

O Teatro do Absurdo

Esslin, Martin

9788537817551

414 páginas

[Compre agora e leia](#)

Leitura essencial para amantes e estudiosos de teatro Criada pelo próprio Martin Esslin, a expressão "Teatro do Absurdo" tornou-se o termo consagrado para descrever e classificar peças surgidas após o fim da Segunda Guerra e que tratam da solidão e da perplexidade do homem com a vida moderna. Influenciado pelo existencialismo e pelas experiências cênicas da geração dadaísta, o Teatro do Absurdo reuniu uma gama de autores com opções estéticas diversas e promoveu uma revolução, deixando profunda marca na dramaturgia que se fez dali em diante. Seu impacto não foi sentido apenas pelos artistas, mas também pelo público, que discutia incansavelmente os espetáculos desconcertantes a que assistiam. Com admirável frescor e lucidez, Esslin mostra como Beckett, Ionesco, Pinter e outros estilhaçavam convenções dramáticas e transmitiam a sensação de se viver num mundo sem sentido. Ele analisa com rigor crítico o trabalho desses dramaturgos seminais, em peças marcantes: Esperando Godot, A cantora careca, O rinoceronte, Piquenique no front, As criadas, Festa de aniversário, História do zoológico e tantas outras. Esta edição retoma a tradução original de Barbara Heliodora e a apresentação do jornalista, escritor e crítico teatral Paulo Francis para a primeira edição brasileira, publicada pela Zahar em 1968.

Com atualizações e acréscimos, traz também um novo prefácio do autor, inédito em português.

[Compre agora e leia](#)

JORGE ZAHAR EDITOR

Rebeliões no Brasil Colônia



LUCIANO FIGUEIREDO

Descobrimdo o Brasil

Rebeliões no Brasil Colônia

Figueiredo, Luciano

9788537807644

88 páginas

[Compre agora e leia](#)

Inúmeras rebeliões e movimentos armados coletivos sacudiram a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. Esse livro propõe uma revisão das leituras tradicionais sobre o tema, mostrando como as lutas por direitos políticos, sociais e econômicos fizeram emergir uma nova identidade colonial.

[Compre agora e leia](#)